



Instituto de
HISTÓRIA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

Priscilla Marques Campos

Educação e Luta no processo pela Independência da Guiné-Bissau e Cabo Verde, o
jornal *Blufo* do PAIGC

Rio de Janeiro

2019

Educação e Luta no processo pela Independência da Guiné-Bissau e Cabo Verde, o
jornal *Blufo* do PAIGC

Priscilla Marques Campos

Instituto de História/CFCH

Bacharelado em História

Orientador: Amílcar Pereira

Rio de Janeiro

2019

Educação e Luta no processo pela Independência da Guiné-Bissau e Cabo Verde, o
jornal *Blufo* do PAIGC

Priscilla Marques Campos

Monografia Submetida ao corpo docente do Instituto de História da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Bacharel.

Pareceristas:

Prof. Amilcar Pereira, Orientador

(Doutor)

Prof.

(Douto)

Prof

(Douto)

Rio de Janeiro

2019

AGRADECIMENTOS

A minha ser,

Para fazer uma coisa primeiro, preciso fazer outra. História e memória são coisas diferentes. A história que escrevo e a memória que eu senti? Uma monografia não se faz com sensibilidade. Mas essa vai ser feita, sim. Para a história utilizo a razão. A minha razão. Onde morreu a razão masculina e criei a minha ser. Razão essa que não é minha em especial, mas é nossa, das mulheres, as negras, as brancas, as indígenas, as asiáticas e de todas que somos diferentes dos homens. Nesse sentido, coloco em evidência o gênero feminino, que incluiu as mulheres trans e cis. A razão machista está morta para mim, invento algum significado novo para ela. Para onde ando, para onde vou, para onde olho, sinto através de minha ser. Potente, avassaladora, destemida, corajosa, valente! Me dê o livro, me dê a arma, me dê o bastão, me dê a lança, me dê a sua mão, a caneta, o teclado e o microfone. Percebo que para escrever a história preciso estar sem ninguém ao meu redor, me afasto de familiares, amigas, amores, colegas, companheiras. Preciso estar completamente só, completamente afastada de seres que vivem e pulsam, temem e tem vontade. Apenas enquanto não tenho mais nada perto de mim, posso me aproximar da história. Crio a história, são vários enredos, vários lugares. Quero fazer o que ninguém fez, quero ir aonde ninguém foi, quero pensar o que ninguém disse.

Quero ser especial, quero ser única, quero ser a própria novidade em mim mesma que apenas quer se deixar ser. Ah, que bom que quero ser isso, porque eu já sou, cada um de nós é a própria exclusividade em si. Tenho ao alcance de minhas mãos a realização do meu sonho mais impossível, a realização do início de um fim que começou no início do princípio que terminou no início do final do começo, no domingo. Eis que somos lineares ou não? Isso sou eu, somos nós ou não importa? Quando sentir que está bom... já vai ter terminado, então porque não posso aproveitar sem angústia? Eu não aguento mais a angústia, eu assopro a ansiedade, eu quero conhecer todas as possibilidades, quero ser minha ser em outra dimensão de realidade. Vou começar essa monografia com um olhar para fora desse continente, desse monte de terra que tem aqui.

Eu preciso ver outras coisas, eu preciso ir a novos lugares, eu preciso ser em outra dimensão. Quero, cadê, objetivos alcançáveis, projetos possíveis de ser realizados. Minha monografia é só um passo, do mais de um dos milhões de passos que já dei. Aceito que toda essa realidade ao meu redor é minha realidade imaginada, é meu filme acontecendo, a possibilidade de tudo que pode acontecer e que não pode acontecer, acontecendo bem diante dos meus olhos. Minha narrativa aqui é para mim mesma, para sair meio inconsequente, para sair um pouco divagante, mas também para ser libertadora. Escrevo porque quero que leiam, quero que vire choro, quero que seja força, quero que gere sororidade, quero que transgrida os valores, quero que seja parte de uma empreitada. Queria na verdade ver isso tudo pegasse fogo e que nascesse de novo. Queria poder me ver sentada em minha frente.

Agradeço...

As(os) minhas(meus) grandes cúmplices intelectuais, pois sem elas(eles) não imaginaria pensar, ser, estruturar esse trabalho:

Amilcar Pereira meu orientador das relações étnico-raciais, além de ser um grande músico.

Carlos Ônà, meu professor de filosofia Yorubá, um poço de sabedoria que trouxe paz e reflexão para minha ser a cada semana.

Maurício Wilson, pela orientação e colaboração, além de todas as aulas do Núcleo de Estudantes Africanos da UFRJ, que me auxiliou a me aproximar do campo Estudos Africanos.

Monica Lima, Silva Correia e Cláudio Pinheiro pelas aulas excepcionais que me animaram muito a continuar estudando!

À minha amiga correspondente Ali Maeve pela colaboração, um presente do Atlântico!

Deixo agradecimentos especiais à minha família, minha raiz.

Minha mãe, Maria Alice, por todo apoio e que foi fundamental para me apresentar ao IFCS.

Minha vó, Nancy Isabel por ser uma fonte de carinho e sabedoria inesgotáveis.

Meus tios, Rita de Cássia e Fernando Henrique por todo respeito e parceria.

RESUMO

As escolas das zonas libertadas do Partido Africano para a Independência de Guiné-Bissau e Cabo Verde (PAIGC), ao longo da Luta pela Libertação Nacional (1963-1973), levavam para as pioneiras e pioneiros a revolução social em curso. O jornal *Blufo*, nossa fonte de análise, foi distribuído de forma gratuita nas escolas do PAIGC, ao longo de 5 anos (1966-1970). Tais espaços promoviam uma educação libertadora em oposição à educação assimiladora proveniente do período colonial português. A partir das análises dos artigos do jornal, identificamos determinados assuntos que eram recorrentes nas colunas do periódico. Para esse trabalho iremos trabalhar, especialmente, as seguintes categorias: presença de Amílcar Cabral, Massacre de Pidjiguiti e Correio *Blufo*. Os jornais foram uma ferramenta de formação política e didática potente no cotidiano escolar. A educação durante esse processo, visava a formação de um homem novo, articulado à transformação social promovida pela luta pela independência, na transformação do ser.

Palavras-chave: Guiné-Bissau, Cabo Verde, libertação, *Blufo*, educação, escola, África Contemporânea

ABSTRACT

During the National Liberation Struggle in Guinea-Bissau, the schools of the liberated zones of the African Party for the Independence of Guinea Bissau and Cape Verde (PAIGC) brought the ongoing social revolution to the pioneers. The *Blufo* newspaper, our source of analysis, was distributed free of charge in the PAIGC schools over a period of 5 years (1966-1970). These spaces promoted a education that liberated, in opposition to the assimilating education programs of the Portuguese colonial period. Through analyses of the newspaper's contents we identified recurring subjects. We focus on the following categories: the presence of Amílcar Cabral, Massacre of Pidjiguiti and *Blufo* Post. Newspapers were a powerful political and didactic tool in everyday school life. This process of education was aimed at the formation of a new man, an articulation of the social transformation promoted by the struggle for independence and the transformation of being.

Keywords: Guinea Bissau, Cape Verde, liberation, *Blufo*, education, school, Contemporary Africa

LISTA DE SIGLAS

ANC	Congresso Nacional Africano
CEDEAO	Comunidade Econômica de Estados da África Ocidental
CEI	Casa do Estudante do Império
CONCP	Confederação das Organizações Nacionalistas das Colônias Portuguesas
FARP	Forças Armadas Revolucionárias do Povo
FLN	Frente Libertação Nacional do Vietname
FMJD	Federação Mundial da Juventude Democrática
FRAIN	Frente Revolucionária Africana para a Independência das Colônias
FRELIMO	Frente de Libertação de Moçambique
FLING	Frente de Libertação e Independência Nacional da Guiné
ISA	Instituto Superior de Agronomia
JRDA	Juventude Revolucionária Democrática Africana
MAC	Movimento Anti-Colonialista
MING	Movimento para Independência Nacional da Guiné
MLGC	Movimento de Libertação da Guiné e Cabo Verde
MLSTP	Movimento de Libertação de São Tomé e Príncipe
MPLA	Movimento Popular de Libertação de Angola
OMM	Organização da Mulher Moçambicana
OSPAAAL	Organização de Solidariedade dos povos da Ásia África e América Latina
OTAN	Organização do Tratado do Atlântico Norte
OUA	Organização da Unidade Africana
PAIGC	Partido Africano para Independência da Guiné-Bissau e Cabo Verde
PIDE	Polícia Internacional para Defesa do Estado
RDAG	Reunião Democrática Africana da Guiné
TANU	União Nacional Africana Tanganica
UDEMU	União Democrática das Mulheres da Guiné-Bissau
UIE	União Internacional de Estudantes
UNAMI	União Nacional Africana de Moçambique Independente
UNGP	União dos Naturais da Guiné Portuguesa
UPLG	União da População Libertada da Guiné
UPG	União dos Povos da Guiné

SUMÁRIO

Introdução.....
Capítulo 1 - A luta por libertação nacional de Guiné-Bissau e Cabo Verde.....
1.1 Amílcar Cabral.....
1.2 Lutar por Guiné-Bissau e Cabo Verde.....
1.3 Onde e quem estava a lutar?.....
Capítulo 2 - Movimentações na Educação.....
2.1 Educação na tradição oral.....
2.2 Educação colonial.....
2.3 Educação do PAIGC.....
Capítulo 3 - O jornal <i>Blufo</i>.....
3.1 Presença de Amílcar Cabral.....
3.1.1 Análise das colunas anualmente.....
3.2 Massacre de Pidjiguiti.....
3.2.1 Análise das colunas anualmente.....
3.3 Correio do <i>Blufo</i>
3.4 Outros temas.....
Considerações finais.....
Referências.....
Anexos.....

INTRODUÇÃO

A escolha de meu tema de pesquisa em História está circunscrita no continente africano, busca romper com a visão eurocêntrica no campo das Ciências Humanas e Sociais herdadas do processo de colonização portuguesa. Quais os paradigmas do meu tempo? Quais questões acredito que a intelectualidade acadêmica brasileira deveria se debruçar? A História deve contribuir para a resolução de questões do tempo presente? Como me inserir no campo para somar na elaboração de narrativas históricas com compromisso social? Como transformar a teoria, o conhecimento, a narrativa em um instrumento de combate?

O Brasil foi o país que recebeu o maior contingente de africanas e africanos em condição de escravização, além de ter sido o último país a abolí-la, através de muita luta, resistência e organização do povo preto e de seus aliados no movimento social abolicionista (ALBUQUERQUE, 2018, p. 328). Ao resgatar a relevância social e o passado brasileiro, acredito que a invisibilidade e distorção dos estudos sobre as Histórias e Culturas Africanas e Afro-brasileiras, encabeçadas por preconceitos e discurso de ódio do tempo presente e passado, pelas autoridades políticas e intelectuais, evidenciam a necessidade de produzirmos conhecimentos que somem voz, ressignifiquem, reescrevam e produzam com respeito e justiça novas Histórias.

Vale mencionar que o campo da historiografia em África e no exterior do continente, se desenvolve de forma potente a partir das lutas de libertação do colonialismo europeu, conforme aponta o historiador John D. Fage.

Mas é preciso ressaltar que esta evolução positiva teria sido impossível sem o processo de libertação da África do jugo colonial: o levante armado de Madagáscar em 1947, a independência do Marrocos em 1955, a heroica luta do povo argelino e as guerras de libertação em todas as colônias da África contribuíram enormemente para esse processo já que criaram, para os povos africanos, a possibilidade de retomar o contato com sua própria história e de controlar a sua organização. (FAGE, 2010, p.58)

O trecho citado acima entrelaça o campo da produção intelectual, com o contexto político de ruptura com a política colonialista. Este ponto se insere na curva desse trabalho, visto que, a escolha pelos estudos africanos, se insere em um terreno que visa produzir referenciais que corroboram com a luta antirracista brasileira e internacional. Em busca de auxiliar, de forma mais contundente em pesquisas futuras, com o vasto campo de pesquisadoras e pesquisadores, que se debruçam em criar referenciais teóricos positivos, de orientações afrocentradas (NOGUEIRA, 2010), resgatando fontes e bibliografias do continente, nesse caso, em Guiné-Bissau e Cabo Verde. Assim como Cheikh A. Diop (1982, p. 68) não poupou esforços em denunciar as pesquisas existentes sobre o continente africano, principalmente as que negavam a historicidade do continente e as funcionalidades das culturas. Para este autor, estes enunciados servem única e exclusivamente para a manutenção da ideologia colonial e o reforço da alienação cultural. Portanto, essa monografia busca contribuir com o exercício da produção historiográfica que seja respeitosa e digna de ser referenciada pelos que estão em busca de reparações históricas, frente às diversas truculências cometidas aos povos africanos.

A escolha dessa fonte foi parte da recomendação de meu orientador Amílcar Pereira, a partir do meu interesse em estudar o campo das Revoluções Africanas do século XX. Tais processos são demasiado relevantes para nosso tempo presente, servindo de inspiração e referência teórica para as lutas políticas contra a violência e exploração dos diversos povos oprimidos. Com o compromisso em reescrever narrativas históricas motivadas pela reavaliação do papel dos negros (PEREIRA, 2011) na História do Brasil e de África, neste trabalho, da Guiné-Bissau e Cabo Verde.

Nesse sentido, durante o período da luta pela libertação nacional (1963-1973), nesses países, as escolas organizadas pelo PAIGC, nas zonas libertadas pelo colonialismo, buscavam promover uma educação diametralmente oposta à oferecida pela administração colonial. Nosso instrumento de análise será o jornal *Blufo*, criamos duas tabelas como metodologia para examinar as colunas do jornal que estão dispostas no anexo. Classificamos em categorias temáticas para poder dimensionar o conteúdo do jornal, nos aprofundando nas categorias: presença de Amílcar Cabral, Massacre de Pidjiguiti e Correio *Blufo*.

Nosso objetivo está em analisar com nossa fonte se inseriu no currículo dessas escolas, enquanto uma inovadora ferramenta didática, elaborada pelo PAIGC, colaborou para formação cultural e política das pioneiras e pioneiros.

Capítulo 1 - A luta por libertação nacional de Guiné-Bissau e Cabo Verde

1.1 Amílcar Cabral

Fundamental para os estudos do processo de luta pela libertação na Guiné-Bissau e Cabo Verde é a personalidade de Amílcar Lopes Cabral. Filho de mãe e pai caboverdianos, nasceu em 12 de setembro de 1924 na região de Bafatá, em 1932 vai para Cabo Verde com a família onde passa o resto de sua infância e a juventude. Completando os ensinos primários e secundários no Liceu São Vicente, na localidade de Santa Catarina. Foi cruelmente assassinado aos 48 anos, em 20 de janeiro de 1973, por influência política da PIDE (Policia Internacional e de Defesa do Estado), não chegando a ver a Independência reconhecida por Portugal em 10 de setembro de 1974, apesar de ter sido declarada em África e reconhecida em diversos países, em 24 de setembro de 1973 pelo PAIGC. (PEREIRA, VITTORIA, 2012, p.193-194).

Recebeu uma bolsa de estudos para cursar Engenharia Agrônoma no Instituto Superior de Agronomia (1945-1952) em Lisboa, participou da Casa da África e ativamente da Casa do Estudante do Império (CEI). Inicialmente, criada pelo governo para controlar os estudantes vindos das colônias portuguesas porém, é reconhecida por ter sido um dos berços do nacionalismo africano e do pan-africanismo, com a inspiração de um dos grandes nomes, Kwame Nkrumah. Amílcar Cabral atuou como Presidente do Comité da Cultura, Secretário Geral (1950) e Vice-Presidente (1951) na CEI. Ainda enquanto estava estudando, conheceu outros estudantes africanos como Mario de Andrade, Agostinho Neto, Eduardo Mondlane e Alda Espírito Santo. Nessa época, enquanto estudantes debateram junto com Cabral sobre a reafricanização dos espíritos, diante da educação assimiladora desenvolvida pelo ensino colonial.

Porque ninguém no nosso caso podia se considerar verdadeiramente português só porque papagaiava nas aulas que Diogo Cão havia descoberto o Zaire, que nossos rios eram o Minho e o Mondego. Como é que podia ser se nós bebíamos a água do Rio Bengo? E aprendíamos botânica por correspondência, falávamos de todas as flores de Portugal. Obrigávamos a fazer redações sobre noites em ladeiras, tal como vinham nos livros, falavam daquelas iguarias, do

prato de arroz doce. Nós não tínhamos isso em casa, comíamos pratos africanos. Havia todo um mundo que era da escola e o mundo verdadeiramente africano (AZEVEDO, 1997, p. 91 apud Mario de Andrade)

Nesse trecho, Mario de Andrade retoma como a educação colonizadora funcionava, portanto, a reafrikanização dos espíritos estava presente nos contrapontos feitos nos encontros entre os estudantes africanos de Guiné-Bissau, Moçambique, Angola e São Tomé e Príncipe, por exemplo. Para tal, é neste contexto onde está inserido nosso objeto de análise. O nossa fonte, é um jornal, elaborado pelo PAIGC que se insere neste cenário de descolonização e reafrikanização dos corações e mentes.

Quando termina os estudos no Instituto Superior de Agronomia, em Lisboa, volta para Guiné-Bissau em 1952, assumindo o cargo de diretor do Posto Agrícola Experimental de Pessubé, momento o qual realizou o primeiro recenseamento agrícola do país, a partir desse trabalho pode conhecer muito bem todas o território, a dimensão do trabalho exercido pelas populações, diversidade das culturas locais e o impacto do colonialismo fascista português na região.

Principal liderança na construção do PAIGC, conhecido não só como revolucionário, mas também como “Pedagogo da Revolução”. Sua atuação não será marcada apenas no contexto nacional.

Amilcar Cabral também buscava a unidade entre as diferentes organizações em luta contra o colonialismo na África, especialmente o português. Segundo Carlos Lopes, em dezembro de 1956 Cabral teria participado em Luanda da fundação do Movimento Popular para a Libertação de Angola (MPLA), assim como teria sido um dos protagonistas em diversas outras tentativas de se construir organizações de luta pela independência articulando os países colonizados por Portugal na África. (PEREIRA, VITTORIA, 2012, p.294 apud LOPES, 2012, p. 9)

O contínuo projeto de Amilcar na unidade de Guiné-Bissau e Cabo Verde pode também ser apontado, como um dos possíveis erros de Cabral na tentativa de aproximar os dois territórios (CAMPOS, 2012, p.5). Vale apontar que Cabral não pode ser lido como uma figura incontestável, existem críticas a serem feitas também aos seus projetos, como o projeto binacional, essa é uma questão cara a sua memória, no sentido de não cristalizarmos as lideranças políticas.

1.2 Lutar por Guiné-Bissau e Cabo Verde

Frantz Fanon irá definir a descolonização como um processo sempre violento, um processo histórico, um programa de pura desordem que propõe mudar a ordem do mundo como estava estabelecido, é um encontro de forças congenitamente antagônicas, é a criação de homens novos, afeta o ser. (FANON, 1961, p.31-33). De fato, o colonialismo português não estava disposto a negociar, nem conceder independência política por vias pacíficas. A luta pela independência nacional de Guiné-Bissau e Cabo Verde possuiu um caráter de revolução social. Antes da luta pela libertação, tiveram as guerrilhas contra as “campanhas de pacificação” que foram bravamente combatidas pelas forças locais.

Neste sentido, a conjugação de diversas etnias resultante dos laços de solidariedade e de pertença a uma pátria foi relevante para o início da luta, pois todas estas etnias trouxeram para a luta armada suas experiências de guerrilha nas campanhas de pacificação desencadeadas pelo colonialismo português nas décadas de 1915 a 1930. (MONTEIRO, 2013, p.168)

Dessa forma, as ações violentas contra as investidas portuguesas, recebem o legado das unidades feitas ao longo dos embates no início do século XX. Em direção à consolidação dos movimentos nacionalistas, identificamos a existência de 3 organizações fundadas na década de 50, foram elas: Movimento Nacional para Independência da Guiné (MING), em 1955 com os principais dirigentes José Francisco Gomes e Luís da Silva; Partido Africano para Independência (PAI), em 1956¹ numa reunião com 5 participantes sendo eles Amílcar Cabral, Aristides Pereira, Luís Cabral, Fernando Fortes e Julio de Almeida; Movimento de Libertação da Guiné (MLG), em 1958 com os militantes dirigentes João Rosa, César Fernandes, Ladislau Justado Lopes, Tomas Cabral de Almada, José Ferreira de Lacerda e Rafael Barbosa (etnia Papel).

¹ Existem longos debates sobre a formação ou não do PAI/PAIGC em 1956, mas não será meu objetivo neste trabalho trazer este alinhamento, irei utilizar a data de fundação oficial declarada pelo PAIGC em seu site oficial <http://www.paigc.net/historia.html>. Disponível em 7 jan. 2018.

Outros movimentos também interferiram na conjuntura política de luta pela independência, foram eles: Movimento de Libertação da Guiné e Cabo Verde (MLGC), União dos Povos da Guiné (UPG), Reunião Democrática Africana da Guiné (RDAG), União dos Naturais da Guiné Portuguesa (UNGP), União da População Libertada da Guiné (UPLG) e Frente de Libertação e Independência Nacional da Guiné (FLING).

O projeto de Amílcar Cabral de unidade para a luta foi fundamental para organizar a resistência diante ao todas essas frentes que já estavam mobilizadas. Para o início da luta armada, encontramos em nossa fonte, o jornal *Blufo*, ou seja, no órgão oficial do PAIGC, no número 7 de junho de 1966, a data de 3 de agosto de 1961. Porém, segundo Monteiro.

O ano de 1963 (23 de janeiro) marcou o início da ação armada com ataque ao quartel de Tite, no centro sul do país, sinalizando o marco oficial da luta que se estendeu por várias regiões da Guiné-Bissau. O êxito da guerrilha não tardou, porque o sucesso da luta estava atrelado às vantagens do sul do país em relação à sua estrutura geográfica e suas condições naturais. O sul é considerado o chão dos Nalus e Balantas, etnias que são conhecidas pela tradição agrícola, em particular o cultivo de arroz. (MONTEIRO, 2013, p.168)

As mobilizações e greves por parte das organizações de trabalhadores se concentrou nas cidades. O Massacre de Pidjiguiti (1959) marca a efetiva virada da participação dos povos do interior para a luta de libertação nacional. Segue abaixo algumas das reivindicações que Antonio Silva identificou,

aumento dos salários; afastamento de António Carreira, por, além das suas responsabilidades pelas mortes nos incidentes do dia anterior, ser useiro em insultos e descontos arbitrários nos vencimentos, e, ainda, por não ter cumprido a ordem de aumento de salários que a CUF, de Lisboa, lhe transmitira oportunamente; afastamento do cais do patrão-mor da Capitania, pelo uso contínuo de frases insultuosas; afastamento do chamado «patrão-mor da Ultramarina»; libertação dos marítimos presos. (SILVA, 2018, p. 64)

Diante da grande violência que era utilizada pelo colonialismo português, foi percebida a necessidade da luta armada, sendo as cidades um lugar de conflito armado direto. Por isso, o giro para o interior, onde o poder colonialista era menos presente, foi a estratégia usada para início do combate. As figuras de Amílcar Cabral e Rafael Barbosa consolidam a unidade de Guiné-Bissau e Cabo Verde. Em âmbito internacional

a FRAIN e a CONCP, são exemplos de organizações que coordenaram as lutas que estavam em curso internacionalmente.

1.3 Onde e quem estava a lutar?

A luta armada foi um processo de guerrilha, de fato, quem conhece os territórios são as populações que vivem no local, a unidade dos povos do interior foi fundamental para a consolidação do partido-estado, assim como a solidariedade entre elas. Sobre os espaços unificadores da luta, Maurício Silva identifica a *Sombra di Polon*.

Sombra di Polon constitui o elemento central na relação comunitária e articulação da manutenção de vínculos de solidariedade entre os agentes internos e nas suas relações com as demais povoações. (SILVA. 2017, p.2)

Os espaços debaixo das grandes árvores, chamadas *polon*, conhecidas também como baobás, reunia as famílias alargadas das *tabancas* (aldeias).

Sombra di polon se torna um espaço de soberania e controle espiritual, político e religioso através de um conselho de anciões, que quando morrem se tornam espíritos guardiões que mediam os vivos com a divindade *Iran* (JONG, 1988). Esse espaço se tornou importante para as reuniões e organizações políticas e militares do Partido Africano para a Independência de Guiné-Bissau e Cabo Verde (PAIGC), como meio unificador dos povos sudaneses e litorâneos, onde os mais evidentes, Balanta (na produção agrícola e luta), Mandinka (na mobilização e integração) e Cristãos Civilizados (na administração e cooperação com o exterior) foram importantes para a luta de libertação territorial de atual Guiné e Ilhas de Cabo Verde. (SILVA. 2017, p.3)

Por isso, depois das determinações de interiorização da luta, após o Massacre de Pindjiquiti (1959), Congresso de Cassacá (1964) e criação das FARPs, esses espaços serão cada vez mais fundamentais para o desenrolar da guerra. Na construção dos laços de camaradagem que se fortaleceram pela aproximação das culturas. Tais espaços seriam essenciais para a vitória política e militar do PAIGC, organizando a unidade dos povos contra a soberania portuguesa, à dominação cultural e, por exemplo, os impostos de palhota. (MONTEIRO, 2013, p.170)

A influência da cultura da potência colonial é quase nula além dos limites da capital e de outros centros urbanos. Só se manifesta de fato no vértice da pirâmide social colonial - criada pelo próprio colonialismo - e exerce-se principalmente sobre o que podemos chamar de “pequena burguesia autóctone” e sobre grupos reduzidíssimos de trabalhadores de centros urbanos. (CABRAL, 1974, p.130-131)

A esses grupos dos centros urbanos, os quais estão com relações de interesses mútuos com os portugueses, Wilson Trajano define-os como elite crioula guineense, herdeira dos lançados portugueses e, aprofunda o tema da pirâmide social colonial, que inclui não só portugueses, como a elite crioula da Guiné-Bissau. Inserindo-os no processo de construção da nação, sendo assim chave para a compreensão da diversidade de setores envolvidos, não balizando apenas por uma relação recente.

Diacronicamente, a variabilidade da sociedade crioula é de interesse direto a esse trabalho e por isto eu a trato com mais vagar, destacando três períodos históricos, cada um com sua forma dominante. O primeiro momento coincide com o início do processo de crioulação nas praças fortificadas dos rios da Guiné no final do século XVI e vai até o fim do comércio atlântico de escravos em meados do século XIX. Neste período, a sociedade crioula tinha como elemento constituidor as Gãs – casas patrimoniais encabeçadas por comerciantes portugueses e luso-africanos que incorporavam como aderentes, dependentes e clientes os indígenas recém-chegados às praças crioulas (chamados até o início do século XX de grumetes) e membros das famílias de notáveis das sociedades indígenas. (TRAJANO FILHO, 2016, p. 914)

Mais à frente Trajano, prossegue,

segundo momento histórico, no qual a sociedade crioula assume a forma de um grupo de elite. A partir deste momento, a unidade básica da sociedade crioula deixou de ser os grupos corporados de parentesco bilaterais e passou a ser a praça crioula diversificada, mas englobada por uma elite que se distinguiu da massa de grumetes por meio de uma mística da exclusividade. Os principais traços criadores de sua exclusividade eram uma etiqueta linguística que valorizava o uso da língua portuguesa, os valores cristãos como a caridade, o uso e a posse de dinheiro e um estilo de vida ou formas de sociabilidade que, supostamente, a ligava a um Portugal imaginário. (TRAJANO FILHO, 2016,

Por fim, o terceiro momento,

A partir de meados da década de 1950 iniciou-se o momento histórico caracterizado pela hegemonia dos projetos identitários que representavam a sociedade crioula pela via da nação. São vários projetos em competição que têm em comum pouco mais do que um entendimento da sociedade crioula como uma unidade incorporadora de diferenças regionais, étnicas, históricas, linguísticas e sociais. Aglutinados em dois extremos, a competição entre eles toma, por um lado, a forma de um projeto nacional de natureza universalista, racional e jurídica, cujos principais sujeitos formuladores foram o PAIGC e, mais tarde, o Estado que durante muito tempo o partido controlou.(TRAJANO FILHO, 2016, p. 920)

Dessa forma, a compreensão da elite crioula nesse processo, dialoga com o debate de Amílcar Cabral, ao resgatar a reafirmação dos corpos, destes grupos de elite. Entretanto, não foi apenas a elite crioula que esteve à frente do processo, a participação popular foi essencial. No sentido de disputar os projetos da revolução social, em busca de lugares de poder no embrião do novo estado que estavam em busca de levantar. A luta pela libertação percorreria o caminho de confronto direto com a epistemológica imputada pela educação colonialista, o poder do governo fascista português e da administração comercial e política colonial.

O Congresso de Cassacá foi considerado oficialmente o primeiro do PAIGC em 1964, serviu para dar os ajustes à linha política e combater desvios. Como os abusos de poder de militantes combatentes, balanços dos erros e acertos à nível militar, de táticas militares etc.

Como resoluções do Congresso, estava o estabelecimento nas zonas libertadas dentre outros aspectos: de unidades de saúde, de uma administração local, dos armazéns do povo e de escolas. O jornal *Blufo* que estamos utilizando como fonte, vem em seguida dessa política com o estabelecimento do Departamento Secretariado, Informação, Cultura e Formação de Quadros do Comité Central do PAIGC. A partir de tal congresso, com a liderança de Luís Cabral nessa frente, que foi estruturada a Escola-Piloto na Guiné Conakry, vizinha da Guiné-Bissau, onde também foi montada a base do PAIGC.

Eram nessas unidades escolares que as crianças eram educadas e socializadas com base nos princípios de luta, de amor à pátria, do sentido de solidariedade e desenvolviam as aptidões da poesia e teatro. Como forma de potencializar estas unidades e atrair apoios da comunidade internacional para a manutenção dos internatos, criou-se uma instituição de caráter jurídico, denominada Instituto da Amizade, a fim de reforçar a permanência dos alunos. (MONTEIRO, 2013, p.178 apud CABRAL, 1984)

Vale ressaltar, a participação da diretora Lilica Boal à frente da direção da Escola-Piloto e o envolvimento das mulheres no processo da guerrilha revolucionária,

nem todas as mulheres desempenharam funções no teatro de operações da luta de libertação, outras contribuíram à sua maneira para a concretização da luta, sobretudo na fase de clandestinidade, participando diretamente nas atividades políticas, como por exemplo: na produção de alimentos para os combatentes; no carregamento de materiais de guerra; na distribuição dos materiais de propaganda, como informantes, disponibilizando as suas casas para esconderijo dos combatentes; e como enfermeiras, costureiras, esposas, professoras, cumprindo papel estratégico no desenvolvimento da luta de libertação. (MONTEIRO, 2013, p.202-203).

Portanto, podemos examinar o destaque para a participação das mulheres no PAIGC e, na FRELIMO em Moçambique também, ao longo da luta pela libertação nacional existia o Destacamento Feminino (MONDLANE, 1976 p.162). Diante disso, podemos analisar o papel que o PAIGC cumpriu na libertação das mulheres, ou seja, no processo de estabelecimento da mulher nova. No sentido de acabar com casamentos forçados, oferecer independência política e constranger discriminações. Podemos perceber o maior envolvimento das mulheres nos processos revolucionários, diferente do que vemos no ocidente, onde costumam participar de forma mais tangencial. Apesar de percebermos uma ampla maioria de homens nos postos de liderança.

Capítulo 2 - Movimentações na Educação

2.1 Educação da tradição oral

Na região de Guiné-Bissau e Cabo Verde, diversos grupos étnicos habitam o território, dentre eles: Balantas, Fulas, Mandingas, Manjacos, Papéis, Mancanhas/Brames, Beafadas, Bijagós, Felupes, Balanta-Mané, Mansoanca-Cunante, Baiote, Nalus, e outros grupos menores (NAMONE, 2014, p. 16). De modo que, nossa pretensão será apontar uma breve amostra, sem buscar uniformizar as práticas culturais, por não ser possível aqui dar conta de sua complexidade e dimensão.

De acordo com Odete Semedo, as mandjuandadi são uma das mais antigas expressões da tradição oral guineense, responsáveis pela perpetuação da sabedoria e do conhecimento.

são apontamentos que servirão para enquadrar as mandjuandadi e as cantigas de dito no espaço e no tempo, para contextualizar a mulher que cria cantigas nos ambientes onde elas surgiram ou surgem e analisar de que forma ela interage com o que está a seu redor. Trata-se, por um lado, de conhecer a outra história da Guiné-Bissau, aquela contada através de cantigas de mandjuandadi na história guineense e compreender a origem de muitos temas criados e recriados pelas mulheres, pelos novos artistas e cantadores. (SEMEDO, 2010, p.19)

Podemos perceber aqui, o enquadramento da valorização da figura feminina para as cantigas (músicas), sendo esse um dos exemplos de práticas culturais que educam através da tradição oral, preservando a memória coletiva. Tais práticas culturais aconteciam nos espaços ao redor das grandes árvores.

Nesse sentido, torna-se importante *Sombra di Polon*, visto que é dali que ocorreram os primeiros ensinamentos dos mais velhos aos mais novos, onde surgiram as primeiras escolas corânicas e de alfabetização e ensino revolucionário do PAIGC (formação militante), que mais tarde tornaram importantes na proclamação da independência de Guiné e Cabo Verde. (SILVA, 2017, p.3)

A tradição oral está conectada às práticas religiosas que passam de forma viva para as e os mais jovens, através de rituais de iniciação. Por parte dos anciãos, homens mais velhos, muitas vezes em comunidades islamizadas e também por parte das mulheres, como é o caso das mandjuandadi. Tais identificações com a preservação da cultura local permanecem sendo praticadas até os dias de hoje.

2.2 Educação colonial

Para Odete Semedo, a educação colonial estava concatenada aos interesses colonialistas portugueses de exploração, e os missionários foram os agentes da educação da população (SEMEDO, 2010, p.35). Jean Sartre no prefácio do livro *Condenados da Terra* (1961), classifica ironicamente a evangelização colonialista católica como uma “falsa ‘aventura espiritual’ [que] se sufoca quase toda a humanidade”. (FANON, 1961, p.9)

Este fato mostra que subjacente à ideia da ‘ação evangelizadora’ estava também a de ganhar a confiança dos reis locais e de quantos pudessem mobilizar; a ação era, então, uma forma de diminuir as constantes rebeliões dos nativos e também de se apoderarem das terras e do controle do comércio naquela área. (SEMEDO, 2010, p.33)

A educação colonial atendia apenas a um setor ínfimo da sociedade, visando atender as demandas da administração pública e comercial colonial. Na década de 1950, em torno de 98% (NAMONE, 2014, p.34 apud ALMEIDA, 1981, p. 40) da população era de analfabetos. Contudo, esse dado não nos deve causar uma impressão negativa, se examinarmos o alfabetismo não como algo que deve ser erradicado, mas como a preservação da tradição oral de maior parte da população, esses 98% nos colaboram em dimensionar o quão afastado o mundo colonial estava do conjunto dos povos que ali viviam. Sem dúvida, a exploração do trabalho e a cobrança de impostos sufocava a população.

Para concretizar esses objetivos, os colonialistas adotaram como diretrizes educar os nativos nos moldes da cultura europeia, considerada superior e induzi-los a abandonar as suas culturas, tratadas como “primitivas” e, portanto, “inferiores”. Para levar avante essa ideologia e fazer com que a dominação e a exploração funcionassem de fato, os portugueses usaram a igreja católica como alicerce, para ajudá-los a desenvolver a “política de assimilação”, através da educação baseada no princípio de evangelização, condição sine qua non para atingir a “civilização”. (NAMONE, 2014, p.38-39)

Para adquirir o “estatuto de assimilado”, que seria uma segunda categoria de um cidadão português, existia uma lista de determinações. Tal educação assimilacionista, contava com o aprendizado do português para a formação de trabalhadores qualificados. A política educacional do colonialismo se constituiu em base ao “estatuto do indígena”, a possibilidade de se alcançar a posição de assimilado, contava com alguns requisitos que nunca colocava no mesmo lugar de direitos os assimilados e os portugueses, sendo um governo racista. Esses pequenos grupos seriam chave para fazer campanha contra a independência e negar as tradições ancestrais em detrimento da fé cristã.

A população autóctone vê-se entre um fogo cruzado: a cultura colonial e a sua própria cultura. A aceitação da cultura colonial implicaria a negação da sua; a recusa daquela significaria a exclusão do mundo dos “civilizados”, pois o estatuto do indigenato era claro na sua filosofia de alienar os nativos. (SEMEDO, 2010, p.15)

Não houve interesse por parte dos portugueses de desenvolver investimentos para formar a população. O comércio de produtos agrícolas, como a manca (amendoim), a borracha, o arroz e a cola, era a base principal da atividade econômica. A “Guiné Portuguesa” cumpria um papel na divisão internacional do trabalho, onde sua posição nos acordos entre as potências imperialistas era de oferecer a baixo custo, produtos agrícolas. Até a pequena elite crioula que frequentava as escolas coloniais, não frequentava as mesmas escolas que os portugueses. Portanto, tal política educacional foi fracassada em seu projeto e em sua pretensão institucional.

2.3 Educação do PAIGC

Diante do exposto, o projeto de educação do PAIGC de educação libertadora era oposto ao assimilador colonial português.

O objetivo dessa “educação libertadora” era, formar um Homem novo livre de qualquer tipo de dominação e comprometido com o desenvolvimento de nova sociedade independente. Por isso, ela deveria nascer junto do povo, pensado pelos educadores nacionais, em função da prática social que se dá no país (NAMONE, 2014, p. 46 apud FREIRE, 1978).

A Escola-Piloto de Conakry foi a primeira delas, com o passar da luta chegaram a ter 160 escolas com até 15 mil estudantes nas zonas libertadas. Portanto, fizeram mais que os portugueses em três séculos.

No início de 1965, o governo da República da Guiné Conacri concedeu à direção do PAIGC uma área com alguns edifícios nas regiões de Bonfin, perto de Conacri. Amílcar Cabral decidiu organizar nesse lugar uma escola em modelo de internato para os filhos dos militantes do PAIGC em luta. Em 23 de janeiro de 1965, o meio irmão de Amílcar Cabral, - Luís Cabral, que veio a ser o primeiro Presidente da República da Guiné-Bissau, fundou em Rontoma, periferia de Conacri, a Escola Piloto. Em fevereiro do mesmo ano, foi inaugurado o Instituto Amizade, criado como organização autônoma, que tinha como finalidade dar acolhimento, proteção e educação às crianças vítimas da guerra. Segundo Cá (2008, p. 87), o objetivo fundamental desse Instituto consistia na “formação de quadros capazes de construir um país de paz e de progresso, de acordo com a linha de orientação traçada pela direção do partido”. Com a criação do Instituto Amizade, ao qual a “Escola Piloto” era vinculada, a educação do PAIGC começava a se expandir nas zonas libertadas da Guiné-Bissau, através de internatos e semi-internatos. (NAMONE, 2014, p.66)

As escolas foram idealizadas para a formação do homem novo (AMILCAR, 1974), através de uma pedagogia que valorizava a práxis revolucionária. Essa primeira experiência de educação descolonizadora estava associada a importância da educação/alfabetização como ferramenta para a reafricanização (ROMÃO; GADOTTI, 2012, p.47) dos sujeitos. Para Amílcar Cabral a assimilação cultural seria uma forte arma para a dominação colonial, portanto, seria a teoria uma ferramenta essencial para romper com essa lógica de domínio que não se dava apenas pelos territórios, mas também pela dominação das mentalidades. O primeiro livro de alfabetização elaborado em 1966, foi editado pelo PAIGC chamado *O Nosso Primeiro Livro de Leitura*. Luís Cabral foi o principal impulsionador da criação do *Blufo*, o órgão dos pioneiros do PAIGC, devido sua função no Secretariado Permanente do Conselho Executivo da Luta em matéria de informação e propaganda.

Capítulo 3 - O jornal *Blufo*

Nesse capítulo iremos analisar a fonte historiográfica utilizada nesta pesquisa, as edições do jornal *Blufo*, órgão oficial de propaganda do PAIGC, para a juventude das escolas das zonas libertadas. A palavra significa em Balanta: homem jovem que não foi circuncidado e por isso tem coragem e bravura (tradução nossa), a maioria étnica na Guiné-Bissau e no PAIGC. As edições deste periódico estão disponíveis no site da Casa Comum, desenvolvido pela Fundação Mário Soares, em parceria com o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa da República da Guiné-Bissau (INEP). A base de dados conta com um vasto acervo com documentos, fotos, jornais, áudios, rascunhos, correspondências e diversos materiais.

Neste site estão disponíveis as 22 edições, produzidas na Escola-Piloto em Conakry. O periódico era de responsabilidade de Luís Cabral desde o Congresso de Cassacá em 1964. Circulou de forma gratuita nas escolas do PAIGC, com distribuição irregular entre as escolas das zonas libertadas e em pequenas tiragens, de janeiro de 1966 até dezembro de 1970, em torno de 5 anos. O público alvo eram as pioneiras e pioneiros do partido, como era chamado o corpo estudantil composto de filhas e filhos de combatentes, de militantes do PAIGC, órfãos da guerra e demais jovens. O periódico era redigido em máquina de escrever e diagramado em folhas A4, os artigos não eram assinados e o volume de páginas variou de acordo com o período chegando a ter de 4 páginas em suas edições mais compactas, identificadas nas publicações iniciais e 12 páginas nas edições de 10, 11 e 12.

O conteúdo oferecido conta com artigos e fotografias de diversos temas como: atualizações sobre a luta pela independência, notícias internacionais, geografia das regiões, cultura dos povos, vinda de estrangeiros, visitas nas férias a outros países como Vietnã, URSS e Alemanha Democrática, jogos, incentivo aos estudos nas escolas, notícias de bolsas de estudos internacionais, incentivo ao desempenho da juventude, entregas de prêmios para as pioneiras e pioneiros destacados, poemas, contos etc. Tais fotografias revelam crianças em momentos descontraídos, estudando, sendo prestigiadas etc. O que nos aponta com um contraste com o momento de guerra difícil, com muitas mortes e violência, em oposição a um olhar para a juventude que estuda e se já se prepara para o futuro da nação independente. De fato, muitos desses jovens são hoje

médicas (os), advogadas (os), políticas (os), engenheiras (os), professoras (es) etc, da Guiné-Bissau e Cabo Verde independentes.

Montamos duas tabelas² no Excel para organizar as fontes. A “Tabela 1 - colunas” dispõe de todas os números, é ampla, com a data de publicação, com o nome das colunas de artigos, nela usamos com distinção de cores os artigos com mesmo tema. A “Tabela 2 - numérica” surge do conhecimento prévio da “Tabela 1 - colunas”, ou seja, sobre quais temas estão presentes no jornal e possui maior atenção às colunas escolhidas. Nela inserimos as categorias de artigos, edições e quantidade. Deste modo, foi possível identificar a reincidência das colunas dos artigos redigidos, a movimentação na criação de novas colunas com maior relevância e a quantidade de vezes que determinados assuntos foram mobilizados. Com base nesse método foi possível examinar de forma estruturada as 22 publicações, classificando categorias de artigos e de agentes que estão presentes no *Blufo*.

Nosso interesse em trabalhar com essa fonte está em buscar como o periódico se inseriu no currículo dessas escolas, enquanto uma inovadora ferramenta didática, elaborada pelo PAIGC para formação cultural e política das pioneiras e pioneiros.

O periódico não possui uma formatação editorial padrão constante, algumas colunas se repetem ao longo do tempo, outras deixam de existir e novas foram criadas no decorrer dos 5 anos. Irei ressaltar, neste capítulo, as variações de conteúdo produzido e os principais temas escolhidos para análise. Especialmente as seguintes categorias: presença de Amílcar Cabral, Massacre de Pidjiguiti e Correio *Blufo*.

Contudo, antes de mergulhar nas categorias selecionadas, consideramos pertinente orientar o nosso processo monográfico. Devido ao cumprimento de uma dimensão didática que os jornais cumpriram nessas escolas. Janet Guidi, ao estudar o uso dos jornais produzidos pelos próprios estudantes, os quais circulavam na escola que ela analisou no seu artigo “O uso do jornal como suporte à aprendizagem”, nos permite perceber.

A leitura crítica e a utilização do jornal são de extrema importância para o desenvolvimento da cidadania efetiva e atuante. As informações nele contidas possibilitam o acesso à interpretação de temas importantes todos os dias do ano. O jornal é uma espécie de janela para o mundo, integrando a sala de aula e o mundo real. (GUIDI, 2013, p. 18198)

² Ver em ANEXO 1 e ANEXO 2.

Ainda que existam diferenças entre os nossos objetos, Guidi está examinando uma experiência no Brasil, do tempo presente, em um modelo de jornal feito pelas alunas e alunos, todavia, o signo se mantém. Nosso jornal é produzido pelo PAIGC, circulou em diversas escolas, integrando as alunas e alunos das zonas libertadas, com os temas das lutas de outros povos como Angola e Moçambique. Além disso, modos de agir e de ser são marcas presentes como poderemos ver adiante.

Nossa compreensão em verificar como é relevante o conteúdo do jornal, enquanto parte do currículo das Escolas do PAIGC, nos aproximam da compreensão de Tomaz Tadeu da Silva. Pela qual, o currículo presente nas escolas, num geral, inserindo a nossa fonte nesta perspectiva, passa ser um elemento de identidade e conhecimento, concedendo poder para as e os estudantes, promovendo uma educação descolonizadora, diferente do projeto educacional português, oferecido aos pequenos nichos de setores crioulos, por exemplo,

quando pensamos em currículo pensamos apenas em conhecimento, esquecendo-nos de que o conhecimento que constitui o currículo está inextricavelmente, centralmente, vitalmente, envolvido naquilo que somos, naquilo que nos tornamos: a nossa identidade, na nossa subjetividade (SILVA, 1999, p. 15)

Dessa forma, quando Tomaz da Silva, intensificou sua análise do currículo em sua dimensão identitária. Os saberes que estão sendo escolhidos para serem difundidos nas escolas do PAIGC e no jornal *Blufo*, através do projeto de educação do PAIGC, nos remetem a Amílcar Cabral quando analisa as consequências da educação colonial de dominação epistemológica.

Toda a educação portuguesa deprecia a cultura e a civilização do africano. As línguas africanas estão proibidas nas escolas. O homem branco é sempre apresentado como um ser superior e o africano como um inferior. As crianças africanas adquirem um complexo de inferioridade ao entrarem na escola primária. Aprendem a temer o homem branco e a terem vergonha de serem africanos. A geografia, a história e a cultura de África não são mencionadas, ou são adulteradas, e a criança é obrigada a estudar a geografia e a história portuguesa. (CABRAL, 1978, p. 64)

Portanto, ao referenciar o currículo da escolas colonialistas, a construção do homem novo e da mulher nova surgem na contramão desse plano, ou seja, por concatenar uma nova identidade, nascendo a partir da luta pela independência, descolonizadora. Novo, no sentido de valorizar sua identidade, sua origem, sua terra, os conhecimentos que surgem através da unidade pela luta pela libertação e pelo resgate das culturas dos povos envolvidos, no lugar da cultura colonialista, assim como a unidade destes. Por isso, a luta pela libertação nacional não significa apenas um fato cultural, mas também um fator (ato) de cultura dos povos (CABRAL, 1974).

podemos dizer que o currículo é também uma questão de poder e que as teorias do currículo, na medida em que buscam dizer o que o currículo deve ser, não podem deixar de estar envolvidas em questões de poder. Privilegiar um tipo de conhecimento é uma operação de poder. Destacar, entre as múltiplas possibilidades, uma identidade ou subjetividade como sendo a ideal é uma operação de poder. (SILVA, 1999, p. 16)

Diante disso, nosso trabalho se insere exatamente ao longo da luta armada, o poder estava de fato em disputa direta. A unidade nacional de Guiné-Bissau e Cabo Verde, nesse processo, produziram cultura e as Escolas-Piloto organizavam de maneira didática o desenvolvimento dos saberes que faziam parte da cultura de luta pela libertação.

3.1 Presença de Amílcar Cabral

Chamou-nos atenção a presença em 19 colunas dentre as 22 edições que contam com a visita de Amílcar Cabral às escolas. Para o “Pedagogo da Revolução”, a educação era a principal arma contra o colonialismo. Para nós é expressiva as constantes visitas que eram feitas por ele identificar nas pioneiras e pioneiros, o futuro da nação que surgia ao longo da luta pela libertação e na construção do homem novo e da mulher nova.

Segue abaixo em quais publicações encontramos a presença de Amilcar Cabral, quais foram os números, a datas e os títulos das colunas. Para discernir esses dados, utilizamos as Tabelas 1 e 2.

n. 2 - fevereiro de 1966

Coluna 1: Parabéns aos nossos professores

n. 3 - março de 1966

Coluna 2: De regresso de Havana Cabral visita a Escola Piloto

n. 4 - abril de 1966

Coluna 3 – Com presença de Cabral, o Embaixador de Cuba visitou a Escola-Piloto

n. 6 – junho de 1966

Coluna 4 – Cabral premiou os melhores alunos do ano

Coluna 5 – Cabral esteve no norte

n. 7 - junho de 1966 - dezembro de 1966

Coluna 6 – Visita do nosso Secretário Geral à Escola de Samine

n.9 – julho de 1967

Coluna 7: Sem título

n.10 - agosto-dezembro de 1967

Coluna 8 - O aluno militante

Coluna 9 - Visita duma delegação de jovens soviéticos às crianças do partido

n.11 - janeiro-junho de 1968

Coluna 10 - Um dia que nunca esqueceremos

Coluna 11 - Resultados do ano letivo

n.13 - janeiro-junho de 1969

Coluna 12 - Estudo e trabalho na Escola-Piloto Cabral encerra o ano letivo 68/69

n.14 - julho-dezembro de 1969

Coluna 13 - Férias dos alunos e alunas do internato do norte no Senegal

Coluna 14 - Encontro de Agostinho Neto e Marcelino dos Santos com os pioneiros do partido

Coluna 15 - Estudo e trabalho na Escola-Piloto,

n.15 - janeiro-março de 1970

Coluna 16 - Festejou-se na Escola-Piloto o dia Internacional das Mulheres

n.17 - julho de 1970

Coluna 17 - O estudo e o trabalho na Escola-Piloto

n.19 - setembro de 1970

Coluna 18 - 19 de setembro na Escola-Piloto (fundação PAIGC)

3.1.1 Análise das colunas anualmente

a) 6 colunas em 1966

n. 2 - fevereiro 1966

Coluna 1: Parabéns aos nossos professores

Cabral participou da cerimônia do final do ano letivo 1964/65, deu a Escola-Piloto uma bandeira e muitos prêmios foram distribuídos aos estudantes.

n. 3 - março 1966

Coluna 2: De regresso de Havana Cabral visita a Escola Piloto

Cabral visita a Escola-Piloto de Ratoma em Conakry, depois de voltar com Vasco Cabral da Conferência em Havana. Mostraram fotos da viagem, as crianças conversaram com ele sobre a vida na escola.

Partindo da Conferência de Bandung de 1955 e a Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento (UNCTAD) de 1964, a Tricontinental teve como objetivo estender, para o continente americano, a solidariedade afro-asiática iniciada em Bandung. Como tal, a Tricontinental destacou-se como o culminar de um movimento não-alinhado e da construção de um projeto anti-imperialista do Terceiro Mundo.³

A Tricontinental foi uma Conferência Internacional de Solidariedade dos Povos da África, Ásia e América Latina, contou com a participação de 82 nações, um espaço de apoio aos movimentos guerrilheiros pela Independência, Cabral teve um espaço de destaque ao discursar sobre a luta em Guiné e Cabo Verde. Nesta coluna, foi registrada a participação do PAIGC no evento, identificando assim o jornal como um espaço de atualização das notícias dos processos políticos assim como, localizando-o no campo anti-imperialista do Terceiro Mundo.

n. 4 - abril de 1966

Coluna 3 – Com presença de Cabral, o Embaixador de Cuba visitou a Escola-Piloto

³ LEGACIES OF THE TRICONTINENTAL. A Conferência de Solidariedade aos povos da África, Ásia e América Latina de 1966. Disponível em: <<http://www.tricontinental50.net/tricontinental-conference-portuguese/>>. Acesso em: 10 dez. 2018.

Fidel Castro visitou a Escola-Piloto e Amilcar acompanhou-o, saudou as alunas e alunos incentivando-os no estudo, no trabalho, no partido e na luta.

n. 6 – junho de 1966

Coluna 4 – Cabral premiou os melhores alunos do ano

Assim como no ano passado, ele esteve presente na celebração do final de ano, com a entrega de prêmios aos alunos e alunas destacados como pastas, sapatos e relógio.

Este prêmio era o melhor do ano e tinha um relógio de pulso além de outras coisas. Antes da entrega do prêmio, Cabral deu ao Ansumane [Djassi, aluno] um grande abraço, desejando-lhe que continue a estudar como até agora para que venha a ser um grande homem para nossa terra. Parabéns Ansumane! Parabéns a todos os alunos premiados.⁴

Em um trabalho publicado pela Universidade de Cabo Verde, Nélida Brito produziu um artigo “A infância em Amilcar Cabral”, no qual apresentou trechos das entrevistas que fez com antigas professoras, professores e ex-estudantes. Apontaremos o relato que menciona a relação de Cabral com as pioneiras e pioneiros.

Uma das crianças de então que conviveu com ele, disse: “O tratamento das crianças era uma das grandes preocupações de Cabral, ele tinha um olho clínico sobre elas porque além de ser chefe ele fazia o papel de pai porque as protegia e era também um pedagogo. Acompanhava as crianças em todas as etapas das suas vidas.” Com a introdução do Quadro de Honra no sistema de avaliação, segundo o relato, ele fazia questão em entregar os prêmios. Ressalva-se, ainda, que o critério para se chegar ao quadro de honra, não era só a mera nota mas, sobretudo, o comportamento exemplar do aluno, que iria ganhar o privilégio do seu nome constar nesse quadro. (BRITO, 2014, p.35)

Conseguimos examinar nessa abordagem de Nélida Brito, a relação com as 13 colunas de nossa fonte que atentam para a constante presença de Amilcar Cabral na Escola-Piloto de Conakry e com a educação no geral. A autora aponta ainda que ele costumava participar frequentemente no cotidiano da Escola, conhecendo de perto os pioneiros e pioneiras, fazendo-lhes visitas constantes.

⁴ CASA COMUM. *Blufo*. Disponível em: <<http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=04693.006#!2>>. Acesso em: 11 dez. 2018

Amílcar Cabral, além de grande estrategista e guerrilheiro, também era conhecido como o “Pedagogo da Revolução”.

Freire percebeu com clareza e precisão a presença da práxis revolucionária em Amílcar Cabral. É nessa práxis, ou seja, na relação dialética entre ação e reflexão para a transformação da sociedade, que o educador pernambucano ressaltava um elemento fundamental da “pedagogia da revolução” de Amílcar Cabral. A práxis se estende na dimensão pedagógica quando abrange a capacidade de ensinar a aprender através da luta de libertação e da comunhão com o próprio povo. (PEREIRA, VITTORIA, 2012, p. 301)

A luta pela independência também passa pela descolonização cultural e educacional. Desse modo, encontramos no artigo de Amílcar Pereira e Paulo Vittoria, que Paulo Freire será inspirado pelas experiências das escolas das zonas libertadas, pois era fundamental, para uma prática pedagógica libertadora, uma reordenação da estrutura do sistema de educação. Após a independência e o assassinato de Amílcar, Freire vai viajar para Guiné-Bissau a convite da Comissão Coordenadora dos Trabalhos de Alfabetização e redigirá o livro “Cartas a Guiné-Bissau” (1977), onde aprofundou suas análises.

n. 6 – junho de 1966

Coluna 5 – Cabral esteve no norte

Ele visitou escolas e em uma delas segue o trecho:

Em Morés houve também uma grande festa. E nesse dia, os alunos da Escola-Internato cantaram melhor as suas melhores cantigas e não se cansaram de dançar. Mas quando chegou a hora da reunião, todos se portaram bem, ouvindo com muita atenção o que Cabral dizia.⁵

A luta contra o colonialismo ao longo do processo revolucionário e antes dele na resistência à dominação portuguesa nas “campanhas de pacificação”, mobilizou a sociedade de conjunto.

vários eventos marcaram as resistências dispersas, onde diferentes povos Mandjaku, Beafada, Papel, Bijagó assim como o próprio Mandinke, juntos ou

⁵ CASA COMUM. Blufó. Disponível em: <<http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=04693.006#!2>>. Acesso em: 11 dez. 2018.

separados conseguiram enfrentar e neutralizar influências na Costa da Guiné. Assim como o destaque da resistência unificada, essa última, marcada pela unidade e luta concretizada pelo PAIGC. (SILVA, 2017, p.12 apud LOPES, 1986, p.13-16).

Sendo assim, a diversidade cultural pode ser vista pelas visitas às diversas regiões libertadas onde estão as escolas do PAIGC, especialmente à respeito da diversidade cultural dos povos, examinamos tal fato através das diversas regiões que ele visita. Muitos dos artigos no *Blufo* mencionam que ao final das celebrações, as e os estudantes cantam e dançam músicas locais, o que demarca não só a unidade para a luta como no campo da educação como no campo cultural.

n. 7 - junho de 1966 - dezembro de 1966

Coluna 6 – Visita do nosso Secretário Geral à Escola de Samine

Visita, celebração, agradecimento à visita, conversou com as (os) estudantes, o hino do PAIGC foi cantado em coro.

b) 2 colunas em 1967

n.9 – julho 1967

Coluna 7: Sem título

Essa edição foi especial e formativa com as orientações de conduta para as pioneiras e pioneiros. A presença de Amilcar nessa edição foi por uma fotografia de uma cerimônia de entrega do simbólico lenço de pioneira (o), marco fundamental de compromisso com o estudo e com a luta.

n.10 - agosto-dezembro de 1967

Coluna 8 - O aluno militante

Entrega para o melhor aluno militante, presença do Amilcar no final do ano letivo para entrega de premiações.

Coluna 9 - Visita duma delegação de jovens soviéticos às crianças do partido

Exatamente isso, cantaram e dançaram, saudaram as lutas de ambas as nações.

c) 2 colunas em 1968

n.11 - janeiro-junho de 1968

Coluna 10 - Um dia que nunca esqueceremos

Entrega de lenços aos novos pioneiros por Amílcar Cabral acompanhado de um discurso, cerimônia significativa, exemplo de um rito de passagem

Coluna 11 – Resultados do ano letivo

Amílcar esteve presente para a cerimônia de encerramento do ano letivo e entrega dos prêmios ao melhor aluno e a aluna militante

d) 4 colunas em 1969

n.13 - janeiro-junho de 1969

Coluna 12 - Estudo e trabalho na Escola-Piloto Cabral encerra o ano letivo 68/69

Mais uma vez, houve a presença de Cabral para encerramento do ano letivo.

n. 14 - julho-dezembro 1969

Coluna 13 - Férias dos alunos e alunas do internato do norte no Senegal

Viagem de férias para alguns alunos e alunas.

Coluna 14 - Encontro de Agostinho Neto e Marcelino dos Santos com os pioneiros do partido

Nessa coluna vemos a relação com as lideranças do PAIGC, MPLA (Angola) e FRELIMO (Moçambique). A Conferência das Organizações Nacionalistas das Colônias Portuguesas, a CONCP criada em 1961, simboliza o caráter internacionalista, diplomático e solidário entre os partidos africanos nacionalistas, que estiveram concomitantemente em luta contra o colonialismo fascista de Portugal.

Coluna 15 - Estudo e trabalho na Escola-Piloto, Cabral abre ano letivo na Escola-Piloto

Presença de Cabral na cerimônia de abertura do ano letivo.

e) 3 colunas em 1970

n.15 - janeiro-março 1970

Coluna 16: Festejou-se na Escola-Piloto o dia Internacional das Mulheres

Mas, graças ao nosso grande Partido que tem lutado contra estas duas explorações, hoje, nas zonas libertadas, as mulheres têm os mesmos direitos que os homens, e ajudam tanto no combate, como no

transporte de materiais ou na agricultura. Podemos ter, dentro do nosso Partido, as mesmas responsabilidades e mesmas atividades dos homens.⁶

Amilcar esteve presente na cerimônia de celebração do Dia da Luta Internacional das Mulheres, 8 de março, reuniram na Escola-Piloto todas as mulheres combatentes que estava na região. Nesse sentido, muitas mulheres estiveram participando de toda a luta, Amélia Araujo conhecida por Maria Turra, quem foi a voz da rádio Libertação; Paula Fortes responsável pelos Programas de Saúde; Maria da Luz Freire de Andrade, conhecida por Lilica Boal⁷, foi diretora da Escola-Piloto de Conakry a partir de 1969; Titina Silá foi uma combatente, formadora de milícias, assassinada pela PIDE ainda jovem, a data do crime se tornou o dia da mulher guineense, 30 de janeiro; Ana Maria de Sá; Carmen Pereira; Carlina Fortes Pereira; Francisca Pereira; Segunda Lopes; Canhe Nan Tungué; Isabel; Satú Camará Pinto; Satu Djassi; Nhima Sanhá; Mariatu; Ana Maria Soares; Teodora Inácia Gomes; Fatima; Silvina; Dulce Almada Duarte etc.

As mulheres bissau-guineenses foram coadjuvantes na engenharia da luta de libertação, além de constituírem suportes principais na manutenção das bases de luta, elas também participaram das guerrilhas e no teatro das operações de luta, através da criação de grupo de milícia feminina. Em outras palavras, as mulheres tornaram necessária a política de organização do PAIGC para o desenvolvimento da luta de libertação nacional. (MONTEIRO, 2013, p.201)

Nesse sentido, a União Democrática das Mulheres da Guiné (UDEMU), fundada em 1961, era um espaço de articulação internacional entre as mulheres.

UDEMU tinha como principal tarefa nesta fase histórica a mobilização das mulheres para um melhor enquadramento no processo de luta. Esse enquadramento propunha-se não só preparar as mulheres para saberem reagir contra o colonialismo mas também contra todas as atitudes atentatórias à dignidade da mulher e contra as diretivas do PAIGC nesse campo. (MONTEIRO, 2013, p.202 apud GOMES, 2013)

⁶ CASA COMUM. *Blufo*. Disponível em: <<http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=04693.015#!4>>. Acesso em: 12 dez. 2018.

⁷ DW. *Lilica boal, a eterna diretora da escola-piloto do PAIGC*. Disponível em: <<https://www.dw.com/pt-002/lilica-boal-a-eterna-diretora-da-escola-piloto-do-paigc/a-17678843>>. Acesso em: 12 dez. 2018.

Escolhemos adicionar nesta monografia, sempre ambos os gêneros ao longo da narrativa, assim como muitas vezes é usado em nossa fonte. Apesar de observar tal ausência em muitas das bibliografias utilizadas ao longo da pesquisa e anos de graduação. No entanto, consideramos fundamental a atribuição dos dois gêneros. em respeito à participação ativa e imprescindível delas nos espaços examinados, em busca de colaborar com a visibilidade das mulheres na historiografia.

n. 17 - julho 1970

Coluna 17 - O estudo e o trabalho na Escola-Piloto

Participação na celebração de final de ano na Escola-Piloto em Conakry.

n.19 - setembro de 1970

Coluna 18 - 19 de setembro na Escola-Piloto (fundação PAIGC)

Comemoração do dia 19 de setembro, data de fundação do PAIGC. As pioneiras e pioneiros cantaram, dançaram e apresentaram uma peça de teatro representando uma tentativa de colonialistas portugueses, que tentaram enganar os militantes da organização. Cabral esteve presente e saudou o árduo trabalho de todas e todos para elaboração da peça.

Portanto, percebemos ao longo deste tópico, que a presença de Amílcar Cabral foi sentida no jornal nas celebrações de final e início de ano letivo, na atribuição de discursar e entregar prêmios. Sua relação com as pioneiras e pioneiros parece ser fraterna, pelo contato próximo, especialmente na Escola-Piloto de Conakry, próxima a sede do PAIGC. Além disso, ele costumava ser o interlocutor das visitas internacionais às escolas. A sua presença na Conferência Tricontinental e na Conferência da CONCP, demonstrou sua relevância para o cenário internacional da luta. Sua presença colabora com o currículo dessa escola, no sentido de possuir um projeto de construção de uma nova identidade nacional, que não se restringe ao campo nacionalista imperialista colonialista, mas sim, na construção de laços internacionalistas e pan-africanistas na luta pela autodeterminação dos povos.

3.2 Massacre de Pidjiguiti

Assim como foi desenvolvido em capítulos anteriores, o Massacre de Pidjiguiti em 3 de agosto de 1959, foi determinante para o avanço da luta armada. Greves, negociações, insatisfações com a administração política e econômica, eram constantes e indiferentes para a governança colonial fascista que respondia com negligência ou violência às propostas de negociações.

A greve de marinheiros e estivadores, foi de maioria pertencente a etnia manjaca, no Cais de Pidjiguiti, às margens do Rio Geba. A mobilização previamente organizada por melhores condições de trabalho e aumento de salários, foi violentamente reprimida pela polícia, pelo exército e por civis armados (SOUZA, 2013, p.5). Esse episódio, para além de seu significado político, causou muita dor e sofrimento na população local, com em torno de 100 feridos e 50 vítimas segundo os dados do PAIGC. Pessoas perdendo seus pais, companheiros, sobrinhos, filhos e netos, deixando sequelas físicas e emocionais. A data é lembrada em nossa fonte, podendo ser identificada como um lugar de memória.

Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque essas operações não são naturais. É por isso a defesa, pelas minorias, de uma memória refugiada sobre focos privilegiados e enciumadamente guardados nada mais faz do que levar à incandescência a verdade de todos os lugares de memória. Sem vigilância comemorativa, a história deprime os varreria. São bastiões sobre os quais se escora. (NORRA, 1993, p.13)

Pierre Norra examina a vigilância comemorativa como determinante para que não se escorra a memória desse dia, através da construção de lugares que relembrem e celebrem os que uma vez caíram. Naquele momento, não pela independência da nação, mas por transformações pontuais nas suas condições de vida e trabalho no dia da greve. Ao longo dos anos, o significado daquela luta angariou novas dimensões, convertendo-os em mártires para a nova nação independente. Na Escola-Piloto, identificamos em um Exame de Política⁸ de Marcelino Vaz, em 14 de junho de 1968:

⁸ ANEXO 3

1º) Que acontecimento importante se verificaram na vida do nosso povo nas seguintes datas:

(...)

- 3 de agosto de 1959: *foi o massacre de porto de pijicte*⁹

Algumas crianças talvez nem estivessem nascidas na época, já tinham se passado 8 anos que o Massacre havia acontecido e, provavelmente, as que eram vivas não tinham memória do dia. A disciplina Política abordava temas que estavam em diálogo com o jornal como veremos a seguir, o que nos aponta a dimensão didática e pedagógica que o jornal cumpre em reforçar aspectos da história da Luta pela Independência.

Dentre os 22 jornais, encontramos 4 colunas que abordaram a temática, segue abaixo a síntese dessas presenças nos anos de 1966-1970, separamos em 5 tópicos, um para cada ano, a abordagem do Massacre de Pidjiguiti em nossa fonte.

a) n. 7 - junho de 1966 - dezembro de 1966

Coluna 1: 3 de agosto de 1959 - 3 de agosto de 1961

b) 1967 - tiveram 3 edições porém, nenhum delas abordou o tema

c) n.11 - janeiro de 1968 - junho de 1968

Coluna 2: Os nossos trabalhadores são a força e a riqueza do nosso povo – 1º maio

n. 12 - julho de 1968 - dezembro 1968

Coluna 3: Um exemplo novo na história do nosso partido

d) 1969 - tiveram 3 edições porém, nenhum delas abordou o tema

e) n. 18 - agosto 1970

Coluna 4: 3 de agosto em Artek

3.2.1 Análise das colunas anualmente

No número 7 de junho/dezembro de 1966 (a), a coluna foi “3 de agosto de 1959 - 3 de agosto de 1961”, para além da repressão em 1959, esse dia também marca o início da luta armada do PAIGC em 1961. Lemos: "Esta ação (...) foi um acto de coragem dos heróicos marinheiros de Bissau e marca o princípio da nossa resistência

⁹ CASA COMUM. *Ponto de exame de política*. Disponível em: <<http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=07200.171.031>>. Acesso em: 28 nov. 2018.

contra a presença dos colonialistas na nossa terra". Nessa narrativa não foi levado em consideração, o histórico de resistência à exploração portuguesa ao longo das “campanhas de pacificação” porém, sem dúvida, a data marca um novo momento de virada na história. Para o início da luta armada foi escolhido o mesmo dia 3 de agosto em 1961. Nesta coluna de 1966 reafirmam a data enquanto um lugar de memória, com a coragem e bravura dos grevistas da época inspirando as novas gerações de combatentes, pioneiros e pioneiras, símbolo da luta de libertação nacional.

No ano de 1967 (b), nenhuma das três edições do jornal mencionou a temática dessa categoria.

Em 1968 (c), encontramos 2 edições abordando o tema, os números 11 e 12. No número 11, de janeiro-junho, a data foi resgatada na coluna: “Os nossos trabalhadores são a força e a riqueza do nosso povo”, em celebração ao 1º de maio. Nessa coluna foi percebida a valorização do trabalho enquanto a força que promove o sustento, a organização da vida e possui muito valor para o funcionamento da sociedade. Foi lembrado também, o histórico da escravidão, como em Cabo Verde existia um armazém que aprisionava pessoas de etnias papéis, biafadas, mandingas, balantas. Elas eram caçadas, vendidas e levadas dali para navios que iriam para o Brasil, América do Norte, América Central e outros países da Europa. Essa foi a única vez que o Brasil foi mencionado em nosso acervo, seu destaque aqui é devido ao Brasil ter sido o destino maior dos traficantes do comércio infame. Em seguida, o resgate do legado da época da escravidão.

Devemos lembrar, com ódio, aquilo que os portugueses fizeram na nossa costa de África. Mais de um milhão de homens foram, assim, transportados para outras terras, como escravos. Eles eram transportados como animais e muitos morreram pelo caminho. Só os mais fortes resistiram e conseguiram aguentar e sobreviver.¹⁰

O processo da diáspora africana é permeada por narrativas de dor e sofrimento. O Cais do Valongo, região do centro do Rio de Janeiro, em nossa cidade, foi um porto que recebeu milhares de africanos, e os relatos evidenciam a crueldade do processo legitimada pela legislação e governança da época.

¹⁰ CASA COMUM. Blufo. Disponível em: <<http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=04693.011>>. Acesso em: 29 out. 2018.

Situado no Rio de Janeiro, o cais [do Valongo] foi, no início do século XIX, o local central de desembarque de maior número de africanos escravizados que chegaram vivos às Américas. Em nenhuma parte do mundo desembarcaram tantos cativos trazidos da África como nessa cidade. (SOUZA, 2016, p.150)

Assim como reafirmou Mônica Lima acima, ao mesmo tempo que essas populações muitas vezes não sobrevivam a cruel viagem, elas trouxeram suas histórias, conhecimentos e habilidades em resistir, o que permitiu que se recriassem apesar dos traumas e violências. Essas histórias possuem um caráter sensível e devem ser abordadas com muito respeito às vítimas.

Nunca devemos esquecer da escravatura. Depois, os tempos mudaram e a escravatura daquele tempo transformou-se noutra espécie de escravatura - o colonialismo. Depois de nos terem vendido em todas as terras do mundo, os portugueses resolveram tomar a nossa própria terra para explorá-la e ter todas as coisas que nela existem.¹¹

Foi construída aqui, uma linha de continuidade entre as relações dos grupos portugueses envolvidos com a escravidão e com o colonialismo. A exploração do trabalho africano pela escravidão/colonialismo são os pilares inimigos de luta do PAIGC, por isso é tão importante o trabalho para o povo. Para o PAIGC, o trabalho está a serviço da construção de uma nova nação independente, sendo a principal atividade exercida pelos homens e pelas mulheres, através dos recursos obtidos pela terra para proveito da coletividade.

Nesse sentido, como exemplo de trabalhadores que lutaram por seus direitos, foi dedicada nessa coluna, um momento para lembrar dos bravos trabalhadores que caíram na repressão à greve no Cais de Pidjiguiti. Este artigo foi escrito por Amilcar Cabral e segundo o descrito em 1968, 2/3 dos territórios da Guiné-Bissau e Cabo Verde já estariam sobre o controle do PAIGC, as chamadas zonas libertadas, como havia mencionado acima, o jornal mantém atualizações com notícias da guerra pela libertação.

Ainda em 1968, a edição número 12 de julho-dezembro, contou com a coluna “Um exemplo novo na história do nosso partido”. Nessa coluna, dois aspectos nos chamaram mais atenção para além do resgate da memória do evento em si. O primeiro

¹¹ CASA COMUM. Blufo. Disponível em: <<http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=04693.011>>. Acesso em: 29 out. 2018.

tem relação com o título pois, o elemento novo seria a recusa por parte dos soldados que estavam no cais naquele dia, em reprimir com violência a manifestação justa por melhores salários e condições de trabalho. O segundo, foi a confirmação de que para lutar contra os portugueses e seus interesses econômicos, seria necessário estar com armas nas mãos.

Bem como no ano de 1967, em 1969 (d), nas duas edições lançadas, nenhuma delas mencionou o tema. Apesar de não encontrarmos registros em nosso jornal, é bem possível que tenham sido feitos eventos para celebração desta data.

Por fim, no número 18 (e), em agosto 1970, a coluna “3 de agosto em Artek” escreve.

Um pioneiro do povo heróico do Vietname, não *quiz* perder a oportunidade de saudar o nosso Partido e todos os pioneiros de nossa terra. Depois, todos os 800 pioneiros desfilaram perante a nossa gloriosa bandeira.¹²

Nesse dia em Artek, foram reunidos 800 estudantes, não só da Guiné e Cabo Verde como também jovens do Vietname, União Soviética e da França. O acampamento soviético localizado na Criméia (URSS) recebia muitos jovens nas férias. A celebração da luta, em nome da memória do dia 3 de agosto estava associada a solidariedade, no dia houve uma grande festa, com cerimônia da bandeira, danças e cantos.

Sendo assim, para além dos registros do jornal do partido direcionado para as pioneiras e pioneiros, encontramos outros lugares que permanecem construindo essa memória, identificamos o monumento inaugurado em 1978 chamado Mão de Timba¹³ localizado na Praça dos Heróis Nacionais, a Rua 3 de agosto, no mesmo quarteirão da praça e o feriado nacional, neste mesmo dia.

Por isso, identificamos nessa seleção de artigos a relevância e o trabalho em construir esta memória de forma didática, nas aulas de Política, nas celebrações na escola, nos lugares na cidade de Bissau e em nossa fonte. A data simboliza tanto o exemplo das vítimas do massacre, como o início da luta armada em 1961.

¹² CASA COMUM. *Blufo*. Disponível em: <<http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=04693.018#13>>. Acesso em: 10 dez. 2018.

¹³ CASA COMUM. *Cerimónia junto ao monumento de homenagem aos mortos de Pidjiguiti*. Disponível em: <<http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=05360.000.002>>. Acesso em: 10 dez. 2018.

3.3 Correio do *Blufo*

A seção “Correio do *Blufo*” começa na primeira edição e convida as outras pioneiras e pioneiros das escolas para enviarem cartas para serem publicadas no jornal, sendo um espaço de comunicação com outras pessoas que não estão em Conakry. A coluna participou de 10 de 22 edições, que foram: 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 10 e 11. Dessa forma, marca recorrente na primeira metade das publicações.

n.1 - janeiro de 1966 - Inauguração e convite de envio de mensagens para a coluna;

n.2 - fevereiro de 1966 - Mensagem gravada numa fita magnética, de Seco Darame, Comissário Político da Escola-Internato de Morés, para as companheiras e companheiros da Escola-Piloto de Conakry, apreciando a visita da delegação de Luís Cabral e reforçando laços camaradas;

n.3 - março de 1966 - Pedido dos camaradas Eugênio Pereira e Didier Andrade de Dakar, para que fossem enviadas as publicações para as escolas mais cedo;

n.4 - abril de 1966 - Objetivo do jornal é servir as pioneiras e pioneiros e para servir bem deve-se ouvir, o artigo está incentivando que as pioneiras e pioneiros enviem mensagens para ao Correio;

n.5 - maio de 1966 - Mensagem saudando o recebimento do jornal pelo grupo de pioneiras e pioneiros que foram estudar e morar na Tchécoslováquia com bolsas de estudos. Mensagem do camarada Pina que está doente na Alemanha Democrática;

n.6 - junho de 1966 - Mensagem de Flávio Proença que está na Hungria estudando saudando o jornal;

n.7 - dezembro de 1966 - Sugestão das alunas e alunos da Escola em Samine, para a criação de uma coluna intitulada “Conheça as Nossa Terra e Nossas Gentes”;

n.8 - junho de 1967 e n.10 - agosto-dezembro de 1967 - Mensagem de camaradas que estão na Hungria estudando;

n. 11 - janeiro-junho de 1968 - Mensagem da Escola Quitamu em Biambi, do professor Pedro Nazik Medina pedindo que enviem a publicação para sua escola e que no último período foram eles mesmos que construíram a Escola de Quitamu.

As mensagens direcionadas às pioneiras e aos pioneiros das escolas pelo “Correio do *Blufo*”, costumam vir sempre de forma carinhosa, essa é uma marca do jornal em se comunicar com seu público. Como mencionou Guidi, o conteúdo do jornal mantém um fluxo de informações com regiões distantes que proporciona conhecimento

e aprendido. Possibilita acesso a notícias atualizadas que os materiais didáticos usados nas aulas não são capazes de acompanhar.

Interessante notar que a partir de um pedido do “Correio”, em criar uma nova coluna chamada “Conheça as Nossas Terras e Nossas Gentes”, o editorial acatou a sugestão e captamos 6 artigos com esse título nas edições 10, 11, 13, 14, 15 e 17. Os temas correspondentes foram: “O Oio”, “As ilhas de Cabo Verde”, “Como lavram os jovens balantas”, “A Ilha de Bolama”, “Pico D'Antonia da Ilha de São Tiago” e “A Ilha de Santo Antão”. Tornando possível uma integração geográfica e cultural do território e dos povos que ali vivem.

Para além das notícias internacionais presentes nas colunas, nosso noticiário estudantil viajou pelo menos para a Tchecoslováquia, Alemanha Democrática e Hungria como indicou os números 5 e 6, com agradecimento do envio e saudando o jornal enquanto uma ferramenta valorosa, porta-voz do partido na Luta pela Libertação.

3.4 Outros temas

A luta pela independência sem dúvida foi um dos temas muito ressaltados em nossa fonte. A primeira edição, em 1º de janeiro de 1966, foi inaugurada com o artigo "Viva a luta de libertação nacional", onde lemos:

Com a criação do jornal "Blufo", a juventude do nosso país contribui para a realização dum grande objetivo do nosso partido. "Blufo" é o jornal dos pioneiros do os combates contra o inimigo, alcançaram grandes PAIGC. Será a voz da nossa juventude que, guiada pelo nosso grande Partido, se lançou corajosamente na luta de libertação nacional do nosso povo, na Guiné e em Cabo Verde. Rendemos grande homenagem ao nosso Partido, ao nosso povo corajoso e aos nossos heróicos combatentes que, após 3 anos de vitórias. Estamos confiantes que o nosso valente povo, guiado pelo nosso partido, terá em breve a sua total e completa independência. Viva o PAIGC, vanguarda do nosso povo na luta de libertação nacional! Viva o povo da Guiné e Cabo Verde! Morte aos colonialistas portugueses!¹⁴

Como foi lido acima, a luta política pela independência não é um aspecto que está afastado do cotidiano dessa escola. A luta é parte constituinte dela, todas as

¹⁴ CASA COMUM. *Blufo*. Disponível em: <<http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=04693.001#11>>. Acesso em: 22 nov. 2018

crianças que frequentam as escolas do PAIGC estão conectadas e, participam da rotina pela construção de uma nova nação independente do colonialismo português, visto como inimigo do povo. Para além do jornal que estamos examinando, o jornal "Libertação" é uma outra forma de propaganda, nessa mesma edição, no artigo "Viva o nosso jornal Libertação", é feita uma breve apresentação do periódico apontando seus seis anos de circulação, ou seja, desde 1960. "Libertação" seria a voz do povo na sua heróica luta e o *Blufo* a voz da juventude.

Neste trabalho não iremos nos debruçar efetivamente sobre esse periódico, mas ressaltamos que este foi o órgão de propaganda oficial do PAIGC, sua primeira edição foi em 1º de dezembro de 1960 com direção de Amílcar Cabral, Luís Cabral, Vasco Cabral e Dulce Almada. O último exemplar que consta no arquivo da Casa Comum data de dezembro de 1971 em sua 121ª edição¹⁵.

A rádio oficial do PAIGC também se chamava Libertação, a principal locutora era Amélia Sanches Araújo¹⁶, conhecida como "Maria Turra", a rádio foi fundada em 1967.

O quadro da organização responsável pelo Secretariado Permanente do Conselho Executivo da Luta, em relação à Propaganda e Informação, era Luís Cabral, o principal impulsionador da criação do *Blufo*. No sentido de fortalecer nas escolas, a luta pela construção de uma nova nação, da nova identidade nacional, independente do colonialismo português em Guiné-Bissau e Cabo Verde.

Ainda na primeira edição do jornal recomenda:

Amar o teu Partido: o PAIGC.

Amar a tua Pátria: Guiné e Cabo Verde.

Amar a tua Família: os teus pais e os teus irmãos.

Amar todas as crianças da Guiné e Cabo Verde.

Amar todas as crianças da África e do Mundo.¹⁷

Interessante notar a relação de amor que o jornal aconselha e incentiva a criação de vínculos, inserindo os jovens numa educação que seja parte da comunidade, que

¹⁵ CASA COMUM. Libertação. Disponível em:

<http://casacomum.org/cc/arquivos?set=e_2622/p_2#!e_2622/p_1>. Acesso em: 22 nov. 2018.

¹⁶ CASA COMUM. Amélia Araújo gravando os trabalhos da I Assembleia Nacional Popular da Guiné-Bissau para a rádio Libertação. Disponível em:

<<http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=05247.000.152>>. Acesso em: 22 nov. 2018.

¹⁷ CASA COMUM. *Blufo*. Disponível em: <<http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=04693.001#11>>. Acesso em: 22 nov. 2018.

integra através do amor ao partido, a pátria, a família e as todas outras crianças, criando um sentimento de unidade que sempre foi um dos grandes eixos políticos do Amílcar Cabral, *Unidade e Luta*.

Ainda na coluna “Nós vamos ser crianças felizes”, transcrevo o trecho “A independência, com o trabalho do nosso povo, significa escolas, hospitais, bem-estar, felicidade para nós, as crianças da Guiné e Cabo Verde”. Foi lembrado como as crianças da Guiné-Bissau e Cabo Verde sofreram com a fome, a miséria e doenças. Para além da luta da libertação de Portugal, a proposta de uma revolução social que promovesse justiça social, foi parte do programa do PAIGC, como podemos notar aqui.

No n. 2 de 1966, também articulou esse tema.

As nossas terras existem há muito tempo. Elas existem antes dos nossos pais, antes dos nossos avós, mesmo muito antes dos avós dos nossos avós. Os colonialistas portugueses tomaram as nossas terras e todo o trabalho dos nossos avós, dos nossos pais, serviu para encher os colonialistas de dinheiro.¹⁸

Os elementos históricos, os líderes políticos, as lutas contra as chamadas "campanhas de pacificação", as formas e estratégias de resistência contra os portugueses, não são detalhadamente articuladas aqui, esse não foi o lugar de análises científicas complexas. Contudo, percebemos que a narrativa busca usar nesse trecho uma linguagem adaptada, fazendo uma transposição didática da história do colonialismo nas regiões da Guiné e Cabo Verde, para se aproximar do que é conhecido, seus avós, seus familiares, sua ancestralidade como recurso para vincular a sua história com a luta contra o colonialismo.

A luta armada é necessária para destruir as coisas más, é a queimada para limpar o campo para a lavoura. Depois de preparada a terra, o Partido tem de pôr plantas novas e cuidar dessas plantas para poderem produzir bons frutos amanhã. As crianças são as novas pequenas plantas que devem crescer nos campos já limpos, lavrados e regados com o sangue dos nossos combatentes.¹⁹

¹⁸ CASA COMUM. Blufo. Disponível em <http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=04693.002>. Acesso em: 23 dez. 2018.

¹⁹ CASA COMUM. Blufo. Disponível em <http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=04693.002>. Acesso em: 23 dez. 2018.

Nesse recorte, foi utilizada uma analogia, associando a luta pela libertação e a construção de uma nova nação comparando-a a um campo que preciso ser queimado, para que possa ser feita a nova plantação e colheita. O *Blufo* também possui a sua dimensão didática, as metáforas são apontadas por Ana Monteiro no artigo "Entre o estranho e o familiar: o uso de analogias no ensino de história", como um recurso potente a ser usado em sala de aula.

As analogias são utilizadas, freqüentemente, pelos professores como recurso para facilitar a compreensão de conteúdos escolares, uma vez que possibilitam mediações simbólicas e aprendizagens significativas. Nesse sentido, revelam-se recurso tentador para superar o estranhamento dos alunos face ao desconhecido que é, por elas (analogias), relacionado ao que lhes é familiar. (MONTEIRO, 2005, p.334)

Outra categoria relevante foi a dos Jogos, a qual teve maior participação nos números da nossa fonte, contamos 18 presenças em 22 jornais, ou seja, a coluna mais estável. As poucas edições que ela não esteve presente foram: 9, 19, 21 e 22. O número 9, como já mencionamos, foi uma edição especial e formativa, inclusive lançando o novo logo do PAIGC. Os jogos tinham temas culturais variados, como nome de combatentes, nome das cidades e vilas, frutas, riquezas da terra e países africanos.

Ao final de muitas das edições, era recomendado que ao terminar de ler o periódico, deveria passar para seu ou sua colega para que ele ou ela pudesse ler também. Os recursos de muitas das escolas eram escassos. Portanto, a recomendação de reutilizar o jornal também se insere na prudência ao uso e consumo de produtos das escolas. Deveriam ter muito zelo com todos os materiais, por exemplo, os livros que na maioria das vezes eram reaproveitados com outros pioneiros e pioneiras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Era indispensável para a luta pela independência um processo de descolonização das mentes, ou seja, combater o colonialismo e suas práticas levando em consideração a realidade cultural do povo. Diferentemente do processo de assimilação da administração portuguesa que negava a cultura local, era preciso transformar a forma de agir e pensar. As escolas do PAIGC reuniram milhares de jovens, que desenvolveram sua percepção de mundo em busca da construção do homem novo e da mulher nova.

Nossa fonte evidenciou a proximidade de Amílcar Cabral nas rotinas escolares identificando a sua presença em 18 artigos do jornal *Blufo* nas 22 edições publicadas. O que nos reafirma a sua relação próxima com a teoria e com a educação. O Massacre de Pidjiquiti foi retratado como um lugar de memória da luta pela libertação e um marco da história da nação guineense na luta contra o colonialismo fascista português. Ao mergulhar na categoria Correio do *Blufo*, percebemos que a publicação tinha uma dimensão internacional devido as cartas recebidas por correspondentes da Tchecoslováquia, Alemanha Democrática e Hungria.

Nesse sentido, o *Blufo* foi uma ferramenta de comunicação política e didática para as pioneiras e pioneiros, atualizando e ensinando sobre as notícias do processo revolucionário além de, estar circunscrito no currículo da escola, possuía uma dimensão educativa concedendo identidade e poder às novas e novos futuros quadros políticos e intelectuais da nação.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Wlamyra. Movimentos sociais abolicionistas. In: SCHWARCZ, Lilia M.; GOMES, Flávio (Orgs). *Dicionário da Escravidão e Liberdade*. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

AZEVEDO, Licínio; RODRIGUES, Maria Da Paz. *Diário da libertação: A Guiné-Bissau da Nova África*. São Paulo: Versus, 1977.

BRITO, Nélida. A Infância em Amílcar Cabral. *Revista Desafios*, Praia Santiago, Cabo Verde, n. 2, nov. 2014.

CABRAL, Amílcar. *A arma da teoria*. Lisboa: Seara Nova, 1976.

CABRAL, Amílcar. *Guiné-Bissau, nação africana forjada na luta*. Lisboa: Nova Aurora, 1974.

CABRAL, Amílcar. *Unidade e Luta*. Lisboa: Seara Nova, 1978.

CASA COMUM. *Blufo*. Disponível em: <http://casacomum.org/cc/arquivos?set=e_2684>. Acesso em: 25 nov. 2018.

FAGE, John D. A evolução da historiografia africana. In: KI-ZERBO, Joseph (org.). *História Geral da África: metodologia e Pré-História da África. vol.I*. São Paulo: Ática; Paris: Unesco, pp.43-59, 1982.

FANON, Frantz Omar. *Os condenados da Terra*. Lisboa: Editora Ulisseia Limitada, 1961.

FREIRE, Paulo. *Cartas à Guiné-Bissau: registros de uma experiência em processo*. 2ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1978.

FUNDAÇÃO MARIO SOAERS. *Blufo: Órgão dos pioneiros do PAIGC*. Disponível em: <http://www.fmsoares.pt/iniciativas/ilustra_iniciativas/2003/000373/>. Acesso em: 25 nov. 2018.

GUIDI, Janete Aparecida. O uso do jornal como suporte à aprendizagem. In: Congresso Nacional de Educação, 11., 2013, Curitiba. *Anais eletrônicos...* Curitiba: PUC Paraná, 2013. Disponível em: <http://educere.bruc.com.br/ANAIS2013/pdf/9006_4660.pdf>. Acesso em: 25 nov. 2018.

- LOPES, Antonio Soares. *Os media na Guiné-Bissau*. Bissau: Edições Corubal, 2015.
- MONDLANE, Eduardo Chivambo. *Lutar por Moçambique*. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1976.
- MONTEIRO, Artemisa Odila Candé. *Da luta armada à construção do Estado Nacional - Conexões entre o discurso de Unidade Nacional e Diversidade Étnica (1959-1994)*. 2013. 318f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador.
- MONTEIRO, Ana Maria Ferreira da Costa. Entre o estranho e o familiar: o uso de analogias no ensino de história. *Cadernos Cedes*, Campinas, v. 25, n. 67, p. 333-347, jul./set. 2005.
- NAMONE, D. *A luta pela independência na Guiné-Bissau e os caminhos do projeto educativo do PAIGC: etnicidade como problema na construção de uma identidade nacional*. 2014. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Araraquara.
- NOGUEIRA, Renato Jr. Ensino de Filosofia e a Lei 10639/03: criação de conceitos a partir da afrocentricidade como plano de imanência. *Revista África e Africanidades*, ano 3, n. 11, novembro, 2010
- NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Revista Projeto História*, São Paulo, n. 10, dez. 1993.
- PEREIRA, Amilcar Araujo. A Lei 10.639/03 e o movimento negro: aspectos da luta pela “reavaliação do papel do negro na história do Brasil”. *Cadernos de História*, v. 12, n. 17, p. 25-45, 2011.
- PEREIRA, Amilcar Araujo; VITTORIA, Paolo. A luta pela descolonização e as experiências de alfabetização na Guiné-Bissau: Amilcar Cabral e Paulo Freire. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 25, n. 50, p.291-311, dez. 2012.
- ROMÃO, José Eustásquio; GADOTTI, Moacir. *Paulo Freire e Amílcar Cabral: a descolonização das mentes*. São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2012.

SILVA, Maurício Wilson Camilo da. Sombra di polon: o embrião das moranças e tabankas da herança kaabunke. *Africanidades*, v. 10, n. 25, p. 1-14, out./dez. 2017. Disponível em: <<http://www.africaeaficanidades.com.br/documentos/0010250122017.pdf>>. Acesso em: 23 dez. 2018.

TRAJANO FILHO, Wilson. O projeto nacional na Guiné-Bissau: uma avaliação. *Estudos Ibero-Americanos*, Porto Alegre, v. 42, n. 3, p. 913-943, set./dez. 2016.

SOUSA, Ivo Carneiro De. A Fundação do PAI e o Massacre de Pidjiguiti. *Lusofonias*, Macau, n. 8, p. 5-6, mar. 2013. Disponível em: <<https://jtm.com.mo/record/2013/08Ago/05-08-2013 - Lusofonias.pdf>>. Acesso em: 07 dez. 2018.

SOUZA, Mônica Lima e. "Caminhos da História africana e afro-brasileira: aulas de campo no Cais do Valongo no ensino de História na cidade do Rio de Janeiro." In: GABRIEL, Carmen T.; MONTEIRO, Ana Maria; MARTINS, Marcus L.B. (Orgs.) *Narrativas do Rio de Janeiro nas aulas de História*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2016.

VARELA, Bartolomeu. A educação, o conhecimento e a cultura na práxis de libertação nacional de Amílcar Cabral. *Portal do Conhecimento de Cabo Verde*, Cabo verde, p. 1-14, jan. 2011. Disponível em: <<http://www.portaldoconhecimento.gov.cv/bitstream/10961/1650/1/am%20adlcar%20cabral%20e%20a%20educa%20a7%20a3o.pdf>>. Acesso em: 20 dez. 2018.

SILVA, António E. Duarte. Guiné-Bissau: a causa do nacionalismo e a fundação do PAIGC. *Cadernos de Estudos Africanos*, Coimbra, v. 9, p. 142-167, mai. 2018. Disponível em: <<https://journals.openedition.org/cea/1236#quotation>>. Acesso em: 09 dez. 2018.

ANEXOS

ANEXO 1 - Tabela 1 – Colunas

BLUFO (balanta) - Guiné Bissau e Cabo Verde		
Número e ano de publicação	nº 1 jan 1966	
Artigos	Capa: <i>meninos e meninas da escola piloto</i>	
	Viva a luta de libertação nacional	
	Mensagem aos jovens do interior	
Índice indicativo dos artigos:	Fidel Castro é amigo do nosso povo	
Conhecendo nossa terra e nossas gentes	Partida de um professor do internato-escola piloto	
PRESENÇA DE AMILCAR CABRAL SECRETARIO GERAL	Viva o nosso jornal "Libertação"	
Histórias/Contos	As crianças da Guiné e Cabo Verde conhecem o mundo	
Correio do Blufo	Deveres dos pioneiros do PAIGC	
Jogo	Nos vamos ser crianças felizes	
Nós e o mundo em que vivemos	Jogo - nome dos combatentes	
Poema	Correio do Blufo	
Pidiquiti		

nº 2 fev 1966 9	nº 3 março 1966 11
Capa: adulto segura criança	capa: Maria Na N'Canha/ 8 de marco
Por que amamos o nosso partido?	As mulheres de Komo
O nosso partido O melhor amigo das crianças de GB e CV	Glória as mulheres da nossa terra
Labanta Negro, filme a luz da fogueira	O homem e a conquista da lua
Pioneiros no hospital militar	De regresso de Havana, Fidel Castro - AMILCAR CABRAL
O estudo e o trabalho na escola piloto	Um filme revolucionário
Parabéns aos professores - AMILCAR CABRAL	Viva a luta do povo angolano: Agostinho Neto e Aristides Pererira
	Pioneiros em Dakar
	Nossos estudantes recebem bolsas de estudos
Jogo - nome das cidades e vilas	Jogo - frutas
Correio do Blufo	Correio do Blufo

nº 4 abril 1966 9	nº 5 maio 1966
capa: alunos de morés	capa: Prof. Menezes na URSS
Temos duas escolas internatos	As crianças do mundo devem amar-se
A gloriosa bandeira do partido em Boé	1º de maio festa dos trabalhadores
Os nossos pioneiros na Alemanha Democrática	Aproximação dos exames, os alunos se preparam para o grande dia
Com a presença de Cabral, o embaixador de Cuba visitou a Escola Piloto	Pq amamos a nossa Pátria
Djamba a caminho do seu posto	As 20 enfermeiras seguem na luta
O partido forma 20 enfermeiras	Visita do representante da UIE Revolução na escola do Partido na fronteira norte / fim da palmatória
	Problema de matemática
Jogo - riquezas da terra	
Correio do Blufo	Correio do Blufo

	semestral + 8 páginas	
nº 6 junho 1966	nº 7 junho - dezembro 1966	nº 8 janeiro - junho 1967
capa: Cabral premiou os melhores alunos do ano	capa: Grupo de pioneiros do partido visita a Alemanha	capa: 1º de junho dia internacional das crianças
Na escola piloto Cabral premiou os melhores alunos do ano	As férias dos pioneiros	1º de maio dia internacional dos trabalhadores
No sul, bons resultados nos exames	Visita do nosso secretariado geral, a escola Samine	O dia internacional das mulheres
Chegaram os livros para a 3ª classe	Notícias das escolas do Sul	Conferência Internacional de solidariedade com os povos das colónias portuguesas
Novo aluno militante / Emilia Mendonça	3 de agosto de 1959 - 3 de agosto de 1961 (Pidiguiti)	O Olo
Exame e prêmios para os melhores alunos	A história do lobo do boi e do elefante	As plantas
A semana internacional das crianças	Domingos Ramos - Herói nacional	Uma aposta
Vindo das escolas do Sul Caetano visitou a Escola-Piloto	3 de agosto	Nós e as mulheres soviéticas
Os nossos irmãos estagiários lembram-se da escola piloto	O 2º centro de formação de professores - lista de nomes	As férias dos pioneiros
Jogo - riquezas da terra	Jogo - países africanos	Jogo - variado
Correio do Blufo	Correio do Blufo	Correio do Blufo - Amílcar presença - cuba
Cabral esteve no norte (tabancas)	Os estatutos dos Pioneiros do Partido	O estudo e o trabalho na escola piloto
	A higiene	O partido vela pela saúde das nossas crianças
	A árvore	A 2ª edição do "O nosso 1º livro de leitura"
	As férias dos alunos do norte	
	Poema ORA DJA TCHINGA	

Nova Bandeira / Edição formativa	Aumento de 8 para 12 páginas	
nº 9 julho 1967	nº 10 agosto - dezembro 1967	nº 11 janeiro - junho 1968
capa: O nosso emblema	capa: O VII aniversário da FNL Vietname	capa: os pioneiros do norte fazem sua promessa de pioneiros
Agora sou pioneiro	Os pioneiros do partido aguardam a chegada dos vietnamitas	Um dia que nunca esqueceremos
Ordens dos pioneiros do partido	O encontro dos professores do III centro e o camarada angolano Mario Andrade	Os nossos trabalhadores são a força e a riqueza do nosso povo
Nós, pioneiros, amamos os nossos pais	Era Era A lebre e a tartaruga	Vamos conhecer as nossas terras e as nossas gentes - As ilhas de Cabo Verde
Os pioneiros tem muitos amigos	Os pioneiros do partido visitam um país amigo / Alemanha	Era Era, o cavalo-marinho e o coelho
Nós pioneiros, exemplo dos outros	Estudo e trabalho na escola piloto	O estudo e o trabalho na escola piloto: Um dia de festa na Escola-Piloto Os responsáveis das tabancas do norte visitam os pioneiros
Nós amamos a justiça, o progresso e a liberdade	O aluno militante	Resultados do ano letivo
Estamos sempre prontos para ajudar	Visita duma delegação de jovens soviéticos às crianças do partido	Felicitemos todas as mulheres do nosso partido e do nosso povo
Nós somos responsáveis	Conheça as nossas terras e as nossas gentes - O Olo	Nós e o mundo em que vivemos -A terra move-se
Nós, a saúde e o desporto	Jogo - variado	Jogo - dirigentes do partido
O que não devemos fazer	Correio do Blufo - continuação do nº 8 cuba	Correio do Blufo
As atividades do grupo de pioneiros	As nossas pequenas férias na Tchecoslováquia	Uma festa para os pequeninos
Cabra! distribui lenços aos pioneiros do norte	Carta dos pioneiros de Cuba	Fizemos muitos amigos no mar negro - URSS
	Nós e o mundo que vivemos - a digestão e a circulação do sangue	Poema de Jorge Rebelo

	Redução de páginas 12 -8	Aumento de 8 para 12 págs
nº 12 julho - dezembro 1968	nº 13 janeiro - junho 1969	nº 14 julho - dezembro 1969
capa: os alunos da Escola-Piloto trabalham para o bem estar do nosso povo	capa: Manga Nhaga, Fernando e seus companheiros cantam a certeza na vitória do nosso país	capa: Tchanchalem Yorna e albino, durante a execução da dança balanta na escola piloto
A antiga escola no lar dos combatentes	O Professor Vicente Pougura explica como vivem os alunos da escola internato do norte	Férias dos alunos do internato do norte no Senegal
O que foi a escola piloto para mim	Encontro do professor Amaro Correia com os pioneiros da Escola-Piloto	Entrevista com o Prof. Brito por ocasião do 5º aniversário da Escola-Piloto
Para mim não havia escola	A hora do almoço no internato do norte	Encontro de Agostinho Neto e Marcelino dos Santos com os pioneiros do partido
Antonio Sá e os seus companheiros, hoje, já estão a trabalhar	Conheça as nossas terras e as nossas gentes - Como lavram os jovens <u>balantas</u> .	Estudo e trabalho na Escola-Piloto, Cabral abre ano letivo na Escola-Piloto
A luta começou	Estudo e trabalho na Escola-Piloto Cabral encerra o ano letivo 68/69	Visita dos pioneiros alemães à Escola-Piloto
Um exemplo de história do nosso Povo - 3 de agosto Pidiguiti	Comemoração do 1º de maio	Como festejamos o aniversário do partido (<u>balantas e manjaras</u>)
Fomos visitar nossas famílias	Os pioneiros do partido recebem os pioneiros soviéticos	Conheça as nossas terras e as nossas gentes - A Ilha de Bolama
O estudo e o trabalho na Escola-Piloto	Nós e o mundo em que vivemos - não se pode viver sem o ar	Nós e o mundo em que vivemos - Plantas e animais
Jogo - variados	Era Era, A aposta da tartaruga	Jogo - variados
As canções e os filmes do centro	A escola dos mais pequeninos - um jardim de infância	Era Era, tartaruga e elefante
Nós vimos os carros dos inimigos destruídos	Jogo - variados	
Advinha Advinha		
Os alunos da Escola-Piloto trabalham ara o bem-estar do nosso povo		
A minha escola		
Era Era A lebre e a onça		

Nós e o mundo em que vivemos - Tempo
Poema - Um socope para um guerrilheiro

ANEXO 2 – Tabela 2 – Numérica

Categorias de artigos do <i>Blufo</i>	Edições	Qtd.
Presença do Amílcar	2, 3, 4, 6, 7, 9, 10, 11,13, 14, 15, 17, 19	13
Massacre de Pidjiguiti	7, 11, 12, 18	4
Estudo e Trabalho	9, 10, 11	3
Vamos conhecer as nossas terras e as nossas gentes	6, 8, 11, 13, 14, 15, 17	7
Nós e o mundo que vivemos - Ciências	10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 22	11
Correio do <i>Blufo</i>	1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 10, 11	10
Jogos - lógica/matemática	1, 2, 3, 4, 6, 7, 8, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 20, 21	18
Contos	7, 8, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 21, 22	11
Poemas	10, 11, 12	3

ANEXO 3 - Exame de política de 1968 da Escola-Piloto

Muito Positivo

ESCOLA-PILOTO DO P.A.I.G.C.

PONTO DE EXAME DE POLÍTICA

Nome : Maacilino Vaz
Classe : 4a Data : 14-6-68

- I -

1º) Que acontecimentos importantes se verificaram na vida do nosso povo nas seguintes datas :

- 19 de Setembro de 1956 - Foi fundado o nosso Partido
- 3 de Agosto de 1959 - Foi a matança de parte do pinto

2º) Riscar as frases que não estiveram bem :

- O nosso Partido foi fundado em Dakar
- O nosso Partido foi fundado na Praia
- O nosso Partido foi fundado em Bissau.

- II -

1º) Responde SIM ou NÃO às seguintes perguntas :

- Um menino de 11 anos pode ser militante do Partido ? não
- Um pioneiro pode ser ao mesmo tempo militante do Partido ? não
- Um menino de 7 anos pode ser pioneiro do Partido ? não
- Um velho de 80 anos pode ser militante do Partido ? sim

2º) - Riscar o que estiver mal :

- A divisa do Partido é "Estudo, Trabalho e Luta".
- A divisa do Partido é "Unidade e Luta"
- A divisa do Partido é "Abaixo o colonialismo português!"

3º) - Preenche com números os espaços deixados nas seguintes frases :

"Na organização do Partido, a Guiné e Cabo Verde dividem-se em Regiões.
Em Cabo Verde há 2 Regiões; na Guiné há 13 Regiões. As Regiões da Guiné estão reunidas em 2 Inter-Regiões."

.../...